UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA
FACULDADE DE LETRAS

PAULO CILAS DE OLIVEIRA JUNIOR

LÁ E DE VOLTA OUTRA VEZ: um estudo de escolhas tradutórias em *The Hobbit*, de J. R. R. Tolkien

JUIZ DE FORA
2022

PAULO CILAS DE OLIVEIRA JUNIOR

LÁ E DE VOLTA OUTRA VEZ: um estudo de escolhas tradutórias em *The Hobbit,* de J. R. R. Tolkien

Trabalho de Conclusão de Curso submetido ao Departamento de Letras Estrangeiras Modernas da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Juiz Fora como parte dos requisitos para a obtenção do grau de Bacharel em Letras: Ênfase em Tradução – Inglês.

Orientador: Prof. Dr. Adauto Lúcio Caetano Villela

JUIZ DE FORA
2022

PAULO CILAS DE OLIVEIRA JUNIOR

LÁ E DE VOLTA OUTRA VEZ: um estudo de escolhas tradutórias em *The Hobbit*, de J. R. R. Tolkien

Trabalho de Conclusão de Curso submetido ao Departamento de Letras Estrangeiras Modernas da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Juiz Fora como parte dos requisitos para a obtenção do grau de Bacharel em Letras: Ênfase em Tradução – Inglês.

BANCA EXAMINADORA

_____

Prof. Dr. Adauto Lúcio Caetano Villela (Orientador)
Universidade Federal de Juiz de Fora

_____

Profa. Dra. Carolina Alves Magaldi
Universidade Federal de Juiz de Fora

_____

Profa. Dra. Patrícia Fabiane Amaral da Cunha Lacerda
Universidade Federal de Juiz de Fora

Data da defesa: 27/06/2022

Nota: _____

Aos meus pais, que sempre lutaram para que
eu tivesse uma educação de qualidade.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, quero agradecer aos meus pais, que sempre acreditaram que a educação é a chave para uma vida melhor. Eles sempre me incentivaram a estudar e acreditaram no meu potencial. Estiveram ao meu lado mesmo com todas as dificuldades no meio do caminho.

À minha irmã e aos meus sobrinhos, que sempre estiveram disponíveis para conversar nos momentos mais estressantes.

Aos meus amigos que, presencialmente ou virtualmente, estiveram sempre ao meu lado, acreditando em mim em momentos em que eu mesmo não era capaz de acreditar. Se não fosse a presença das amizades em muitas horas, talvez eu não tivesse forças para continuar.

Ao meu orientador, que se colocou disponível para ajudar em todos os momentos, mesmo durante um período em que o mundo parecia de cabeça para baixo.

Aos professores do curso de tradução da UFJF, que são simplesmente espetaculares. Todo o conhecimento adquirido ao longo desses anos será fundamental para a minha vida profissional.

A Reinaldo José Lopes, o tradutor da edição de 2019 do livro *O Hobbit*, que foi super solícito e atencioso quando entrei em contato falando sobre o trabalho.

Aos escritores de ficção e fantasia, que sempre me levam para outros mundos, onde posso viver milhares de vidas diferentes. Especialmente ao Tolkien, que me levou para a Terra Média e me fez ficar apaixonado por esse universo.

Finalmente, agradeço a todos que de alguma forma cruzaram meu caminho durante todo o percurso. Algumas visitas são inesperadas na nossa vida, mas são elas que nos levam para as maiores aventuras.

Quando se procura geralmente se encontra alguma coisa, sem dúvida,
mas nem sempre o que estávamos procurando.
J. R. R. Tolkien — *O Hobbit*

RESUMO

Este trabalho tem por objetivo discutir questões tradutórias que concernem ao livro *The Hobbit*, do autor J. R. R. Tolkien, com foco na tradução de cinco palavras (ou pares de palavras), que são *thief*/*burglar*, *dwarves*/*dwarfes*, *trolls*, *orcs*/*goblins* e *Mirkwood*. O objetivo da pesquisa foi observar como essas palavras foram traduzidas nas cinco versões distintas que existem da obra em português. Para que o estudo fosse realizado, foi utilizado o método misto de pesquisa, com o auxílio do programa AntConc 3.5.8 para a parte de análise quantitativa. O aporte teórico utilizado para a realização da análise qualitativa conta com um texto de Tolkien, no qual ele estabelece um parâmetro de como deve ser feita a tradução de seus livros. Foram utilizados dois textos de Itamar Even-Zohar, que são *A Teoria dos Polissistemas* (2013 [1978]) e *A posição da literatura traduzida dentro do polissistema literário* (2000 [1970]). Foram utilizados ainda o capítulo 9 do livro *Linguística de Corpus*, de Tony Berber Sardinha (2004) e o livro *Semântica: uma introdução à ciência do significado*, de Stephen Ullmann (1984 [1964]). As hipóteses levantadas observam se há mudança de conotação nas diferentes traduções, acarretando em perda de variedade linguística com a tradução de algumas palavras, e se a mudança nas traduções de alguns termos acarreta em estranhamento dentro do polissistema literário, de acordo com as teorias apresentadas. Como resultado é verificado que algumas traduções se mantêm mais próximas do texto original, enquanto outras possuem de fato uma perda da variedade criada pelo autor.

Palavras-chave: Tradução. Even-Zohar. Prosódia semântica. Tolkien.

ABSTRACT

This paper aims to discuss translation issues concerning the book *The Hobbit*, by the author J. R. R. Tolkien, focusing on the translation to Portuguese of five words (or pairs of words), which are *thief*/*burglar*, *dwarves*/*dwarfes*, *trolls*, *orcs*/*goblins* and *Mirkwood*. The objective of the research was to observe how these words were translated in the five different versions that exist of the book in Portuguese. For the study to be carried out, the quantitative and qualitative approaches were used, with the aid of the software AntConc 3.5.8 for the quantitative approach. The theoretical contribution of qualitative approach relies on a text by Tolkien, in which he establishes a parameter for how his books should be translated. Two papers by Itamar Even-Zohar were used, which are *The Theory of Polysystems* (1978) and *The Position of Translated Literature within the Literary Polysystem* (1970). The chapter 9 of the book *Corpus Linguistics*, by Tony Berber Sardinha (2004) and the book *Semantics: an introduction to the science of meaning*, by Stephen Ullmann (1964) were also used. The hypotheses raised verify if there is a change of connotation in the different translations, resulting in a loss of linguistic variety with the translation, and if the change in the translations of some terms causes estrangement within the literary polysystem, according to the theories presented. As a result, it is verified that some translations remain closer to the original text, while others actually have a loss of the variety created by the author.

Keywords: Translation. Even-Zohar. Semantic prosody. Tolkien.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Tela do programa AntConc 3.5.8 que mostra a ferramenta *Word List*, que aponta a quantidade de ocorrências de determinada palavra e sua posição no ranking de entradas..... 28

Figura 2: Tela do programa AntConc 3.5.8 que mostra a ferramenta *Concordance*, que destaca a palavra pesquisada e todas as suas ocorrências em contexto. 28

Figura 3 - Foto de uma das páginas da edição *O Gnomo*, de 1962, que mostra a palavra *gigantes* como tradução para *trolls*. 38

Figura 4 - Mapa encontrado na contracapa do livro *O Gnomo* (1962), mostrando a floresta de *Mirkwood* com o nome original..... 50

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Ocorrências dos termos thief, burglar e de suas respectivas traduções 31
Tabela 2 - Ocorrências do termo dwarves, dwarfs e de suas respectivas traduções 32
Tabela 3 - Ocorrências do termo trolls e de suas traduções 33
Tabela 4 - Ocorrências dos termos orcs, goblins e de suas respectivas traduções 34
Tabela 5 - Ocorrências do termo Mirkwood e de suas traduções 35

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO 12
1 Contextualização sobre o autor, *The Hobbit* e suas traduções 15
1.1 Sobre o autor 15
1.2 The Hobbit (1937) 16
1.3 Traduções para a língua portuguesa 17
1.3.1 A tradução de 1962, da editora Livraria Civilização – Porto 17
1.3.2 A tradução de 1976, da editora Artenova 17
1.3.3 A tradução de 1985, da editora Publicações Europa-América 18
1.3.4 A tradução de 1995, da editora Martins Fontes 18
1.3.5 A tradução de 2019, da editora HarperCollins 19
2 Aporte Teórico 20
2.1 Guia para os nomes em *O Senhor dos Anéis* 20
2.2 A Teoria dos Polissistemas 21
2.3 A literatura traduzida como molde 22
2.4 Prosódia semântica e colocação 23
2.5 Sinonímia perfeita 25
3 Metodologia 27
4 Análise quantitativa 31
4.1 Objetos de análise 31
4.1.1 Thief/burglar 31
4.1.2 Dwarves/dwarfs 32
4.1.3 Trolls 33
4.1.4 Orcs/Goblins 34
4.1.5 Mirkwood 35
4.2 Conclusões desta seção 36
5 Análise qualitativa 37
5.1 A construção de significado nas traduções de *thief* e *burglar* 38
5.2 O "equívoco" do autor: *dwarves* ou *dwarfs*? 42
5.3 O caso dos *trolls* e o cânone literário 43
5.4 A diferença entre *orcs* e *goblins* 46
5.5 A floresta *Mirkwood* 48
5.6 Conclusões desta seção 52
CONSIDERAÇÕES FINAIS 53
REFERÊNCIAS 55

INTRODUÇÃO

A literatura infantil e infanto-juvenil ganhou muito espaço com a publicação de autores como Lewis Carroll e C. S. Lewis, nos séculos XIX e XX. J. R. R. Tolkien, nascido em 1892, também foi um dos autores que ajudaram a popularizar o gênero, principalmente por causa do livro *The Hobbit*, publicado em 1937. Sucesso imediato no Reino Unido, o livro teve sua primeira tradução, para o sueco, dez anos após a publicação, em 1947.

Tolkien, que era filólogo e linguista, além de ter realizado traduções de outros livros, como *Beowulf*, para o inglês, não ficou contente com as primeiras traduções realizadas de seu livro, escrevendo na década de 1950 um guia sobre como traduzir suas obras de fantasia. Em 1962, surgia, em Portugal, a primeira edição em português do livro, chamada *O Gnomo*. O autor teve contato com essa tradução e não ficou nada contente, uma vez que ela não seguia suas recomendações, modificava aspectos que ele considerava importantes e continha ilustrações que não eram de seu agrado.

A obra de Tolkien não apenas ajudou a construir o imaginário da literatura de fantasia ocidental, como se perpetua até hoje enquanto uma das principais obras do gênero em todo o mundo, sendo estudada em diversas áreas acadêmicas, como a Filosofia, a Psicologia, a Literatura e a Tradução. Este trabalho tem como objeto de pesquisa o livro *The Hobbit*, publicado originalmente em 1937, e suas traduções para o português, de 1962, 1976, 1985, 1995 e 2019, respectivamente.

Neste trabalho, será discutido como ocorreu a tradução de cinco termos (ou pares de termos) presentes no livro de J. R. R. Tolkien, que são *thief*/*burglar*; *dwarves*/*dwarfs*; *trolls*; *orcs*/*goblins*; e *Mirkwwod*. Algumas das palavras serão analisadas no plural, porque essa é a forma em que apresentam maior divergência em suas traduções, sendo justamente tais divergências a motivação da escolha do recorte de análise.

No âmbito do Bacharelado em Tradução da Universidade Federal de Juiz de Fora, existe um trabalho que discute as línguas élficas na obra de Tolkien, realizado por Isabela Aparecida Nogueira Leite, intitulado *Reescrevendo o imaginário: reflexões sobre a tradução de línguas élficas em Tolkien* (2017). A abordagem do presente

trabalho será distinta, uma vez que não será focado em línguas élficas, mas em como as palavras selecionadas foram traduzidas do inglês para o português.

Estudar um autor como Tolkien é de extrema importância, principalmente por conta de seu histórico como filólogo, tradutor e professor. Algumas escolhas — propositais e acidentais — no vocabulário utilizado na obra são importantes e deveriam ser levadas em consideração na tradução, uma vez que podem influenciar na interpretação do texto traduzido.

O objetivo geral do estudo será analisar as escolhas lexicais nas traduções dos nomes de três raças, de um local e de um termo utilizado para caracterizar a função de uma personagem. Como objetivos específicos, são destacados: i) traçar um panorama sobre a vida do autor, o livro escolhido como objeto de estudo e suas respectivas traduções; ii) analisar os *corpora* no programa AntConc 3.5.8, observando o número de ocorrências das palavras no original e nas traduções; iii) observar como as traduções distintas podem acarretar mudanças de conotação e significado na obra final; iv) verificar se a tradução de algumas palavras culminou na criação de um termo consensual em português.

Como aporte teórico para a realização do trabalho foi utilizado um texto do próprio Tolkien, intitulado *Guia para os nomes em O Senhor dos Anéis* (*apud* LODBEL, 2003), onde o autor deixa explicitado como os nomes de raças e lugares devem ser traduzidos. Também são utilizados dois textos de Itamar Even-Zohar, um em que postula a *Teoria dos Polissistemas* (2013 [1978]), outro em que discorre sobre *A posição da literatura traduzida dentro do polissistema literário* (2000 [1978]), a fim de observar como as traduções de Tolkien se inserem no mercado brasileiro. Ainda é utilizado o capítulo 9 do livro *Linguística de Corpus*, de Tony Berber Sardinha (2004), no qual o pesquisador discorre sobre prosódia semântica e colocação, afirmando que determinadas palavras podem ter cargas e conotações diferentes. Por fim, será utilizada a noção de que a sinonímia perfeita não existe em um texto literário, proposta por Stephen Ullmann no livro *Semântica: uma introdução à ciência do significado* (1984 [1964]).

Para que o trabalho seja realizado, será utilizado o método misto de pesquisa, que abrange tanto a pesquisa quantitativa, quanto a qualitativa. Para a seção de pesquisa quantitativa será utilizado o programa AntConc 3.5.8, a fim de se observar a quantidade de ocorrências dos termos pesquisados no original em inglês e em suas traduções. Na seção de análise qualitativa, os dados obtidos com a pesquisa quantitativa serão verificados e estudados de acordo com as teorias apresentadas anteriormente.

Algumas hipóteses foram levantadas no trabalho. A primeira é de que a tradução de 1995, por não manter a distinção entre os termos *burglar* e *thief*, presente na obra original, perde a variação semântica contida no texto fonte. Outra hipótese é de que também há perda de variedade semântica quando se padroniza, nessa mesma edição, as palavras *orcs* e *goblins*. Ainda é levantada a questão de que as edições de 1962 até 1995 ignoraram a grafia distinta utilizada pelo autor para o plural de *dwarf*, acarretando mais uma perda significativa de variedade. A quarta hipótese é a de que as palavras *trolls* e *anões* já haviam sido incorporadas no imaginário fantástico de língua portuguesa e, portanto, a mudança pode trazer um estranhamento quando o polissistema é levado em consideração. Por fim, é levantada a hipótese de que as traduções do termo *Mirkwood* que utilizam mais de uma palavra podem perder o caráter poético que existe quando há aglutinação.

A fim de cumprir os objetivos estabelecidos, no capítulo um são apresentados o autor, traçando um breve histórico sobre sua vida, a obra a ser analisada, que é o livro *The Hobbit*, e suas cinco traduções para o português, três realizadas no Brasil e duas em Portugal.

O capítulo dois, dividido em cinco subseções, apresenta o aporte teórico utilizado para a pesquisa. Cada subseção apresenta uma das teorias, dando ênfase aos tópicos que serão relevantes na execução do trabalho.

O capítulo três mostra a metodologia utilizada na pesquisa, apresentando o programa AntConc 3.5.8 de acordo com o texto de Berber Sardinha (2003). Também são apresentadas imagens que mostram a interface do programa. Além disso, o objeto de análise é delimitado e o método misto é apresentado.

No capítulo quatro é realizada a análise quantitativa. Com o auxílio do programa AntConc 3.5.8, são feitas tabelas que apresentam o número de ocorrências de cada termo estudado. Em seguida, os dados são explicitados em forma de texto para que haja melhor compreensão das tabelas.

O quinto e último capítulo apresenta a análise qualitativa, que consiste na aplicação das teorias apresentadas na seção de aporte teórico. Os dados numéricos apresentados no capítulo quatro são analisados a fim de que se observe como as traduções distintas encontradas podem acarretar em mudanças no resultado.

1 Contextualização sobre o autor, *The Hobbit* e suas traduções

A fim de entender o sistema em que a obra a ser analisada está inserida, esta seção será responsável por traçar um breve panorama sobre autor, obra e suas respectivas traduções para o português brasileiro. Dessa forma, será possível estabelecer relações entre contextos diferentes de tradução e estilos distintos de tradutores com o produto, que é o texto traduzido.

1.1 Sobre o autor

John Ronald Reuel Tolkien, conhecido internacionalmente como J. R. R. Tolkien, foi um escritor britânico nascido na África do Sul em 1892. Tolkien foi professor universitário, filólogo e um romancista premiado. Em seu currículo acadêmico, estão listadas traduções e adaptações de textos antigos, como a de *Beowulf*, que vieram a influenciar a produção literária do autor. Em suas obras de fantasia, Tolkien revisita mitologias clássicas para criar seus próprios mitos, raças e criaturas (CARPENTER, 2018). O autor é considerado o pai da fantasia moderna, uma vez que suas obras *O Hobbit* e *O Senhor dos Anéis* foram de extrema relevância para que o gênero fosse novamente alçado a uma posição de prestígio no mercado editorial de sua época.

Seu pai era um banqueiro inglês, responsável por um banco na colônia de Orange Free State, parte da África do Sul, onde Tolkien passou os primeiros anos da infância. A vivência do autor no local também viria a ser de extrema importância em seus textos — um exemplo disso sendo a presença de aranhas gigantes em suas histórias, uma vez que ele foi picado por uma aranha-babuíno quando ainda era pequeno. Aos três anos, Tolkien foi com a mãe e o irmão para uma visita curta na Inglaterra, mas seu pai veio a falecer de febre reumática durante esse período, o que fez com que eles não retornassem para a África do Sul. Eles passaram a viver em Birmingham, onde Tolkien e seu irmão foram educados em casa, até que ele ingressasse na vida acadêmica e, mais tarde, no período da Primeira Guerra Mundial, na carreira militar (WHITE, 2004).

Durante a adolescência, o autor entrou em contato pela primeira vez com uma língua inventada, o *Animalic*, criada por suas primas. Esse contato fez com que ele começasse a ter interesse por linguagem e começasse a criar suas próprias línguas, que

também viriam a ser parte importante de sua obra literária. Esse interesse em línguas fez com que Tolkien mudasse seu foco acadêmico dos estudos clássicos para a língua inglesa.

J. R. R. Tolkien morreu em setembro de 1973, aos 81 anos, vinte e um meses após a morte de sua esposa. A administração dos direitos de sua obra literária ficou a cargo de seu filho Christopher Tolkien (falecido em 2020), que foi o responsável pela publicação póstuma de grande parte da obra de seu pai, ajudando a construir o legado literário tão significante que é relacionado ao nome de Tolkien (CARPENTER, 2018).

1.2 The Hobbit (1937)

O livro *The Hobbit* ou *There and Back Again*[1] foi publicado originalmente em 1937, no Reino Unido, pela editora George Allen & Unwin. Quando publicada, a obra foi indicada à *Medalha Carnegie* e recebeu o prêmio de melhor ficção juvenil pelo jornal norte-americano *New York Herald Tribune*. Por conta de seu sucesso com a crítica e com o público, além da influência de suas adaptações cinematográficas de 1977, 2012, 2013 e 2014, o livro vendeu mais de 180 milhões de cópias em todo o mundo, sendo traduzido para diversas línguas.

O romance toma parte no mesmo universo do aclamado *The Lord of the Rings*, seguindo acontecimentos que precedem aquela obra. A história está centrada em Bilbo Baggins, o *hobbit* que dá título ao livro, uma criatura pacata, de aparência humana, mas de baixa estatura, comparada aos gnomos. O enredo segue Bilbo, que parte em companhia de treze anões e um mago na tentativa de reconquistar a *Montanha Solitária*, lar dos anões, que foi tomada por um dragão.

A importância do livro para a literatura fantástica é tamanha, que desde sua primeira publicação, nunca ficou fora do mercado editorial, ou sem que novas tiragens e edições fossem produzidas. Seu legado influenciou também a produção de traduções intersemióticas para rádio, TV, cinema, jogos de tabuleiro e RPG, jogos de computador, videogames e peças teatrais.

A primeira tradução do livro foi feita para o sueco em 1947. A primeira tradução para o português foi feita em Portugal em 1962, onde a primeira edição do livro recebeu o título *O Gnomo*. No Brasil, a primeira edição traduzida para o português brasileiro só

[1] O livro possui dois títulos dados pelo autor, mas foi o primeiro que ficou mais conhecido. Os dois ainda constam na obra, mas só o primeiro é utilizado na capa.

viria a chegar em 1976. As análises quantitativas deste trabalho utilizarão como corpora as edições de 1976, 1985, 1995 e 2019, sobre as quais discorreremos na próxima seção. A primeira edição em língua portuguesa, de 1962, não foi encontrada em formato físico ou digital, portanto será utilizada apenas para a análise qualitativa nos casos em que foi possível encontrar excertos da tradução.

1.3 Traduções para a língua portuguesa

Esta subseção tem o objetivo de discorrer sobre as cinco traduções do livro *The Hobbit* para a língua portuguesa. As traduções ocorreram em momentos distintos, encomendadas por editoras diferentes, duas portuguesas e três brasileiras.

1.3.1 A tradução de 1962, da editora Livraria Civilização – Porto

Vinte e cinco anos após o lançamento, o livro *The Hobbit* foi publicado pela primeira vez em português sob o título *O Gnomo*, pela Livraria Civilização – Porto, traduzido por Maria Isabel Braga e Mário Braga. Foi lançado em uma coleção de livros infantis, com ilustrações de António Quadros. A tiragem original do livro foi de apenas 2.965 exemplares, de acordo com o portal português Alfarrabista Quinto Planeta[2], o que faz com que ele seja considerado uma raridade atualmente.

Apesar do número pequeno de exemplares, essa edição causou comoção porque Tolkien expressou todo o seu descontentamento com ela. O autor, que havia deixado um manual sobre como traduzir suas obras, não ficou nada contente com as escolhas dos tradutores, principalmente com a mudança da palavra *hobbit*, que ele havia especificado que não devia ser alterada em nenhuma língua. Tolkien também não ficou nada feliz com as ilustrações feitas para a obra, condenando completamente a primeira edição em língua portuguesa.

1.3.2 A tradução de 1976, da editora Artenova

No ano de 1977 seria lançada a primeira adaptação do livro *The Hobbit*, em formato de animação. Em decorrência da demanda pela obra, também causada pela

[2] Disponível em https://alfarrabista5planeta.blogspot.com/2018/04/o-gnomo.html, acesso em 16 set. 2021.

eminente estreia do filme, a editora Artenova, que já estava traduzindo os livros de *O Senhor dos Anéis*, decidiu trazer para o Brasil a primeira edição brasileira de *O Hobbit*.

Como base para a tradução, a editora utilizou a versão estadunidense da obra, da AC Book, que era uma edição pirata — sem a compra de direitos autorais —, e a editora Artenova também não obteve autorização da família Tolkien para traduzir e publicar os livros no Brasil. A tradução foi realizada por Luiz Alberto Monjardim, mas além da polêmica de não ser autorizada, não agradou ao público, fazendo com que os leitores brasileiros preferissem ler versões importadas de Portugal até o fim da década de 1980.

1.3.3 A tradução de 1985, da editora Publicações Europa-América

A editora portuguesa Publicações Europa-América lançou uma nova tradução do livro em 1985, feita por Fernanda Pinto Rodrigues, vencedora do *Grande Prémio de Tradução* em 1995, atribuído pelo *P. E. N. Clube Português*[3] e pela *Associação Portuguesa de Tradutores*. A tradutora faleceu em 2013 de acordo com informações do portal *Blogtailors*[4], mas sua tradução ainda é utilizada pela editora portuguesa.

Fernanda Pinto Rodrigues foi considerada uma das maiores especialistas em Tolkien em Portugal, por isso as traduções que ela realizou de seus livros são muito estimadas pelos leitores. Além dos livros de Tolkien, ela era a tradutora oficial de autores como Agatha Christie, J. G. Ballard, Stephen King, Henry Miller, George Orwell e Virginia Woolf.

1.3.4 A tradução de 1995, da editora Martins Fontes

A primeira tradução do livro para o português brasileiro oficial e autorizada foi publicada em 1995 pela editora Martins Fontes. A tradução ficou a cargo de Lenita Maria Rímoli Esteves, PhD em Linguística pela Universidade de Campinas, e Almiro Pisetta, Professor de Literatura e Língua Inglesa da Universidade de São Paulo.

A editora Martins Fontes adquiriu os direitos das obras de Tolkien em 1990, e em 1992 foi publicado o primeiro livro relacionado ao autor, *J.R.R. Tolkien, uma biografia, de* Humphrey Carpenter. Em 1994 vieram as traduções dos três volumes de *O*

[3] P. E. N. é uma sigla que se refere a poetas, ensaístas e novelistas.
[4] Disponível em https://blogtailors.com/6993207.html, acesso em 18 out. 2021.

Senhor dos Anéis, seguida pelas traduções de *O Hobbit*, em 1995, e *O Silmarillion*, em 1999.

Em 2002 foi lançado no cinema o primeiro filme da trilogia *O Senhor dos Anéis*, *A Sociedade do Anel*, fazendo a demanda pelos livros de Tolkien aumentar na editora, o que culminou em muitas revisões e reedições, que foram publicadas até o ano de 2015 pela Martins Fontes, após o lançamento do último filme baseado no livro *O Hobbit*, em dezembro de 2014.

1.3.5 A tradução de 2019, da editora HarperCollins

Em 2018, a editora HarperCollins adquiriu os direitos de publicação da obra de J. R. R. Tolkien no Brasil. Omar Souza, diretor editorial da HarperCollins Brasil, informou que a editora traçou um plano que convenceu os donos dos direitos sobre a obra, representados então por Christopher Tolkien, de que a editora seria a melhor opção para que a obra do autor continuasse a ser publicada no Brasil. E esses planos incluíam novas traduções de todos os livros do autor e a tentativa de redefinir a literatura de Tolkien no país, para que ela se elevasse ao status de literatura canônica.

As novas traduções ficaram a cargo de Reinaldo José Lopes, Doutor em Estudos Linguísticos e Literários em Inglês pela Universidade de São Paulo, cujo trabalho acadêmico se concentra na análise da obra de ficção de J. R. R. Tolkien sob o prisma da Teoria da Tradução. Além de especialista na obra do autor, Lopes foi aluno de Lenita Maria Rímoli Esteves, uma das tradutoras da versão de 1995, no programa de pós-graduação da USP.

A publicação oficial do livro *O Hobbit* pela editora se deu em 15 de julho de 2019. A aceitação do público ficou bastante dividida com a nova tradução, e os dois maiores portais sobre o autor no país, *Tolkien Brasil*[5] e *Valinor*[6], possuem opiniões divergentes sobre ela, sendo o segundo mais receptivo à nova versão.

[5] https://tolkienbrasil.wordpress.com/tag/tolkienbrasil/
[6] https://www.valinor.com.br/

2 Aporte Teórico

Nesta seção serão apresentados os principais textos e teorias que embasarão o trabalho, incluindo um guia de tradução deixado por J. R. R. Tolkien. Também será apresentado o conceito de polissistemas de Even-Zohar (2000 [1978]), a questão da literatura traduzida dentro do polissistema literário, também de Even-Zohar (2000 [1970]), o conceito de prosódia semântica de Berber Sardinha (2004) e a questão da (in)existência da sinonímia perfeita de Ullmann (1964).

2.1 Guia para os nomes em *O Senhor dos Anéis*

Quando os livros *O Hobbit* e *O Senhor dos Anéis* começaram a ser traduzidos para outras línguas, Tolkien, que era filólogo, escreveu um texto chamado *Guide to the Names in The Lord of the Rings*. De circulação restrita inicialmente a editores e tradutores, possivelmente na década 1950, o texto veio a público em 2003 no livro *A Tolkien Compass*, editado por Jared Lodbell. Esse documento deixado pelo autor tem uma lista de palavras — como nomes de pessoas, raças, lugares e coisas —, e como o autor afirma que deve ser sua tradução. Na época em que o texto foi escrito, os livros haviam sido traduzidos apenas para o sueco (1947) e o alemão (1957).

Alguns termos que serão analisados no presente trabalho constam na lista deixada por Tolkien e são eles *orcs* e *Mirkwood*. As palavras que não aparecem na lista, o autor afirma que devem ser traduzidas de acordo com o que é convencional na língua de chegada, a não ser que sejam nomes. Os nomes devem ser mantidos na forma original, respeitando apenas as convenções de plural e singular de cada língua, acrescentando *s* ou *es* ao seu final.

A palavra *orc*, segundo o autor, é utilizada em *O Senhor dos Anéis* na linguagem comum para definir uma criatura que existia na época em que a história se passa. Ele afirma ainda que no livro *O Hobbit* ela foi traduzida pelo próprio autor para *goblin*[7], exceto em uma única ocorrência. Tolkin afirma que pegou a palavra emprestada do inglês antigo de *Beowulf*, onde é usada como sinônimo de *heldeofol* (hell-devil) e que não deve ser relacionada com as orcas. Por ser uma raça criada pelo autor, ele afirma que o nome parece adequado para defini-la e, portanto, não deve ser traduzido. O que pode mudar é sua grafia, como no holandês, que é utilizada a palavra *ork*.

[7] Cf. explicação na análise de *orc/goblin* adiante.

Quando discorre sobre a floresta *Mirkwood*, Tolkien não é tão restrito no que diz respeito à tradução desse nome. Ele afirma que o nome foi emprestado da geografia e das lendas germânicas e nórdicas, sendo que no alemão antigo a palavra era *mirkiwidu* e na língua nórdica antiga era *myrkviðr*. Sobre esse nome, Tolkien afirma apenas que deve ser traduzido utilizando o bom senso e, se possível, utilizando elementos poéticos e de tom antigo.

Os outros termos que serão utilizados para análise não aparecem no guia deixado pelo autor, então serão analisados de acordo com as convenções das línguas de partida e de chegada.

2.2 A Teoria dos Polissistemas

Para que se compreenda o conceito de polissistema, primeiro é necessário identificar o que é um sistema. Essa temática foi inicialmente levantada pelo Formalismo Russo na década de 1920, mas foi só nos anos 1970, no período conhecido como a Virada Cultural dos Estudos da Tradução, que o conceito de sistema foi vinculado aos Estudos da Tradução, por Itamar Even-Zohar.

Em 1978, Even-Zohar publicou o texto *Polysystem Theory*, no qual ele postulava os conceitos de sistema e polissistema. O movimento da Virada Cultural ocorreu quando foi observada uma necessidade de traduções em um contexto pós Guerra Fria. Com essa necessidade, observou-se que havia um intercâmbio cultural que estava acontecendo. Foi nessa fase histórica que diversas áreas da tradução foram consideradas disciplinas a serem estudadas. E foi nesse contexto que o autor publicou a obra.

Para Itamar Even-Zohar, o contato entre as culturas distintas era algo natural e dinâmico, facilitado pela tradução. A literatura, como facilitadora de um intercâmbio cultural, é alçada então ao nível de sistema literário. Um sistema, portanto, é algo dinâmico e heterogêneo, que estabelece uma rede de relações entre determinadas culturas. Um sistema pode ser literário, histórico, econômico etc, sendo "uma entidade dependente das relações que alguém esteja disposto a propor." (EVEN-ZOHAR, 2013, p. 22). Por ser dependente, então, um sistema dificilmente será encontrado sozinho, então haverá uma rede de sistemas que se relacionam e conectam, denominada "polissistema".

Even-Zohar postulou o termo polissistema literário como algo que se refere a sistemas literários canônicos e não-canônicos de uma determinada cultura. De acordo

com sua proposta, existem convenções literárias distintas no país de partida de um texto e no país de chegada do texto traduzido, e essas convenções seriam as responsáveis por determinar a postura do tradutor. Assim sendo, o texto a ser traduzido também dependeria de diversos fatores de interesse no local de chegada, porque são selecionados de acordo com sua compatibilidade com a cultura de chegada. Um polissistema é, de acordo com Even-Zohar, uma estrutura formada por diversos sistemas, que são redes simultâneas que se sobrepõem e interpenetram. Então, considerando os polissistemas, o autor acredita que a literatura traduzida tem relevância também por sua força primária de criar novos modelos, e sua força secundária, que reforça modelos já estabelecidos.

A Teoria dos Polissistemas procura mostrar um conceito de sistema como algo baseado em interrelações, então a tradução deve levar essas dependências em consideração. Um texto literário, inserido no sistema literário, traz consigo marcas culturais que vão além do texto e que não devem ser ignoradas pelo tradutor, independentemente de sua postura tradutória, porque as conexões estabelecidas entre sistemas mostram as características sociais de onde estão inseridos. Even-Zohar afirma ainda que em casos em que os moldes literários de determinado lugar são novos, a literatura traduzida pode assumir uma posição central no polissistema, influenciando o que será produzido. Desta forma, a literatura traduzida tem a capacidade de oferecer moldes que podem ser estabelecidos.

Será observado no presente trabalho como as traduções da obra de Tolkien se inserem no polissistema da língua portuguesa e como elas foram responsáveis por ajudar a construir novos modelos para o imaginário de fantasia brasileiro.

2.3 A literatura traduzida como molde

No texto *A posição da literatura traduzida dentro do polissistema literário*[8], Even-Zohar levanta a questão de a literatura traduzida poder ser considerada um sistema por si próprio, afirmando que para isso ela precisaria exercer relações entre os textos traduzidos de forma arbitrária. Em seguida, o autor afirma que existem pelo menos dois tipos de relações, que são o modo como os textos fonte são selecionados e o modo como adotam um repertório literário. A partir disso, Zohar concebe que a literatura traduzida

[8] Publicado inicialmente em James S.Holmes et al. 1978: 117-127, com o título "The position of translated literature within the literary polysystem" e revisado em 1990.

não é apenas um sistema integral dentro de um polissistema, mas um sistema que é ativo e importante.

O autor afirma em seu texto que colocar a literatura traduzida no centro do polissistema literário é acreditar que ela tem papel ativo na modelagem desse sistema, fazendo parte dos movimentos que inovam a literatura, participando de eventos importantes na história literária. Zohar afirma que:

> Através das obras estrangeiras, novas características (tanto princípios como elementos), até então inexistentes, são introduzidas na literatura alvo. Essas características possivelmente incluem não apenas novos modelos de realidades para substituir uma realidade anterior e estabelecida que já não é efetiva, mas também toda uma gama de outras características, como novas linguagens (poéticas), ou técnicas e padrões composicionais.
> (EVEN-ZOHAR, 2000 [1978], p. 4)

Even-Zohar afirma então que essas características inovadoras do texto a ser traduzido também desempenham um papel importante, uma vez que os textos selecionados também com a intenção de adicionar essas características à literatura alvo.

O pesquisador informa que existem três momentos em que isso é observado: quando o polissistema literário local ainda não está consolidado; quando se trata de uma literatura periférica ou fraca; quando ocorrem crises ou vácuos literários em uma determinada literatura.

O que se deve observar, para o autor, é o local que a literatura traduzida toma dentro de um polissistema literário. Se ela alcança o ponto central, ela participa da criação de moldes literários na literatura alvo. Nesses casos, o tradutor deve se preparar para violar os moldes preconcebidos da literatura alvo, para que o texto traduzido fique mais próximo do original. Isso faria o repertório da tradução aumentar e aproximaria as literaturas.

O polissistema como um todo também deve levar em consideração questões históricas e sociais, observando o que rege os sistemas e quais são as intenções por trás disso. Assim a tradução se torna dependente das relações intrínsecas a esse determinado sistema.

2.4 Prosódia semântica e colocação

Em seu livro de 2004, *Linguística de Corpus*, o pesquisador Tony Berber Sardinha discorre sobre a Linguística de *Corpus*, uma ciência que coleta e explora

corpora linguísticos, que são retirados de textos de modo criterioso, servindo como fonte para pesquisas. Ou seja, a Linguística de *Corpus* é a área da ciência responsável por fazer a coleta de *corpora*, a fim de realizar estudos sobre variação linguística. Para a coleta dos dados são utilizados softwares computacionais, como o WordSmith Tools e o AntConc — que será utilizado no presente trabalho e apresentado na seção de metodologia.

No capítulo 9 do livro, intitulado *Linguística de Corpus e tradução: prosódia semântica*, o autor comenta sobre a comparação da prosódia semântica de duas línguas distintas, mostrando como o trabalho com *corpora* é necessário para que haja uma constância no resultado e uma padronização no léxico.

Berber Sardinha afirma que a prosódia semântica é "a associação recorrente entre itens lexicais e um campo semântico, indicando uma certa conotação (negativa, positiva ou neutra) ou instância avaliativa." (BERBER SARDINHA, 2004, p. 236). Isso significa que palavras diferentes possuem cargas diferentes, então a tradução pode acabar mudando a conotação de uma construção, porque a carga de uma palavra pode ser negativa, positiva ou neutra.

O pesquisador afirma ainda que:

> A prosódia semântica, assim como a colocação, cria uma relação de expectativa para com o ouvinte ou leitor. Na tradução, a quebra de padrões entre uma língua e outra pode trazer implicações relacionadas à fidedignidade, aceitabilidade e legibilidade do texto traduzido ou vertido. A quebra da prosódia semântica, por sua vez, implica na mudança da conotação intencionada pelo falante ou escritor.
> (BERBER SARDINHA, 2004, p.238)

A prosódia semântica, então, leva em consideração a atitude e a intenção do falante ou escritor do texto fonte, porque as palavras foram escolhidas de maneira deliberada. Tradutores, destarte, devem se atentar para que essas intenções sejam preservadas, quando possível, no texto final.

Após apresentar alguns casos práticos, o autor conclui o capítulo afirmando que as prosódias semânticas do português e do inglês podem ser distintas e que, para evitar equívocos, o tradutor deveria ter conhecimento da prosódia semântica da língua alvo. Isso ocorre porque um falante nativo, que lê o texto em sua língua, consegue entender a conotação das palavras intuitivamente, enquanto um falante de outra língua não possui

essa intuição. Portanto cabe ao tradutor fazer escolhas em suas colocações, para que o texto final atenda critérios de legibilidade de seu público-alvo.

Neste trabalho será observado como a escolha de expressões diferentes nas diversas traduções do livro *O Hobbit* pode mudar a conotação do texto.

2.5 Sinonímia perfeita

No livro *Semântica: uma introdução à ciência do significado*, Stephen Ullmann (1984 [1964]) apresenta essa ciência, afirmando que entre os ramos mais importantes da linguística estão a etimologia, que estuda a origem das palavras, e a semântica, que estuda seu sentido. O autor então mostra as definições de sinonímia, homonímia e polissemia.

Ao abordar a sinonímia, que ocorre quando mais de um nome se refere a um mesmo sentido, o autor afirma que Aristóteles, em sua retórica, considerava que era um recurso de grande importância para os poetas, porque elas permitiam que ele escrevesse seus textos de modo que não ficassem ambíguos, evitando a repetição de palavras.

Ullmann ressalta, então, que duas palavras só poderão conter sinônimos perfeitos se puderem ser intercambiadas sem que haja mudança de sentido e conotação no contexto. O autor acredita que isso é sim possível, mas apenas em linguagem técnica e científica, por possuírem vocabulários mais neutros e específicos. Na literatura, portanto, a sinonímia perfeita seria um conceito abstrato. O pesquisador informa que "quanto mais frequente é uma palavra, mais sentidos é possível que tenha" (ULLMANN, 1964, p. 350), portanto, é comum que contextos diversos mudem o sentido de um termo.

Considerando que a língua faz parte do meio em que está inserida e de suas interações sociais, lexemas que eram sinônimos em determinadas épocas ou contextos podem deixar de ser. A respeito disso, o autor afirma que:

> O melhor método para a delimitação de sinônimos é o teste de substituição recomendado por Macaulay. Como deve recordar-se, trata-se de um dos processos fundamentais da linguística moderna, e, no caso dos sinônimos, revela ao mesmo tempo se são permutáveis e em que medida. Se a diferença é predominantemente objetiva, encontrar-se-á muitas vezes uma certa sobrepreposição [*sic*] no significado: os termos em questão podem ser permutados nalguns contextos, mas não noutros.
> (ULLMANN, 1964, p. 296)

Considerando, então, que as mesmas palavras podem ter sentidos diferentes de acordo com os contextos, a substituição não poderia ser realizada de modo

completamente funcional, o que faria com que essas palavras não pudessem ser consideradas sinônimos perfeitos.

Finalizando o conceito, Ullmann explicita que a sinonímia perfeita é um fenômeno raro na língua, acontecendo só em contextos técnicos específicos, por isso o aparecimento de sinônimos equivalentes em todos os espaços é impossível. Vale ressaltar ainda que a questão da inexistência de sinônimos perfeitos é bastante complexa e foi discutida também por outros autores, como Goldberg (1995), que estuda o Princípio da Não Sinonímia.

3 Metodologia

A fonte de dados a serem analisados é o livro *The Hobbit*, original de 1937, e suas traduções para o português. Em relação ao seu conteúdo, o livro segue a história da personagem *Bilbo*, que parte na companhia de um mago e treze anões, a fim de reconquistar o lar dos anões, que havia sido tomado por um dragão.

Para que as análises sejam realizadas, será utilizado o método misto de pesquisa, que consiste na coadunação das análises quantitativa e qualitativa, que serão melhor abordadas abaixo. Para a realização das análises quantitativas, será utilizada a Linguística de *Corpus*, que conta com o auxílio da Linguística Computacional e da Estatística, porque trabalha com amostras da língua, utilizando métodos mais novos de pesquisa. Os programas de apoio fazem a contagem de ocorrências de determinadas palavras ou construções no *corpus* de estudo, possibilitando a análise dos números e dados.

No âmbito da tradução, a utilização dos *corpora* é imprescindível, porque permite um intercâmbio entre pesquisadores e praticantes de tradução, observando como uma construção de uma língua tende a se comportar em outra, investigando numericamente quais são as traduções mais usadas. E é também através desses algoritmos de quantidade de uso que as traduções automáticas se tornam possíveis, uma vez que elas se baseiam muitas vezes em respostas quantitativas.

Sardinha (2003) afirma que o uso de ferramentas tecnológicas na tradução aumenta cada vez mais, mas, para que os estudiosos de tradução passem a incorporar o uso de *corpora* em seu trabalho, eles já devem ser guiados em sua formação acadêmica, porque assim novas gerações de tradutores já serão formadas com o conhecimento necessário. Para Sardinha, a utilização de *corpora* possibilitaria que o tradutor respondesse a questionamentos comuns durante sua prática de trabalho, como os padrões lexicais de uma palavra, suas associações com outros sentidos específicos e suas associações com a organização textual.

Como primeiro passo para a realização da pesquisa, os *corpora* foram compilados em formato digital, salvos como texto sem formatação (.txt), para que fosse possível sua decodificação através do programa AntConc 3.5.8, idealizado por Lawrence Anthony, da Universidade de Waseda (Japão). A obra original e suas traduções foram rodadas no programa separadamente, e foi utilizada a ferramenta *Word List* a fim de se observar o número de ocorrências dos termos estudados.

Programas como o AntConc 3.5.8, possibilitam uma análise detalhada das palavras e expressões pesquisadas, uma vez que possuem ferramentas de busca em *corpora*, que contabilizam o número total de palavras do texto e a quantidade de ocorrências das expressões pesquisadas, como a de *Word List*, podendo mostrar também os aparecimentos das expressões dentro de contextos no *corpus* de estudo.

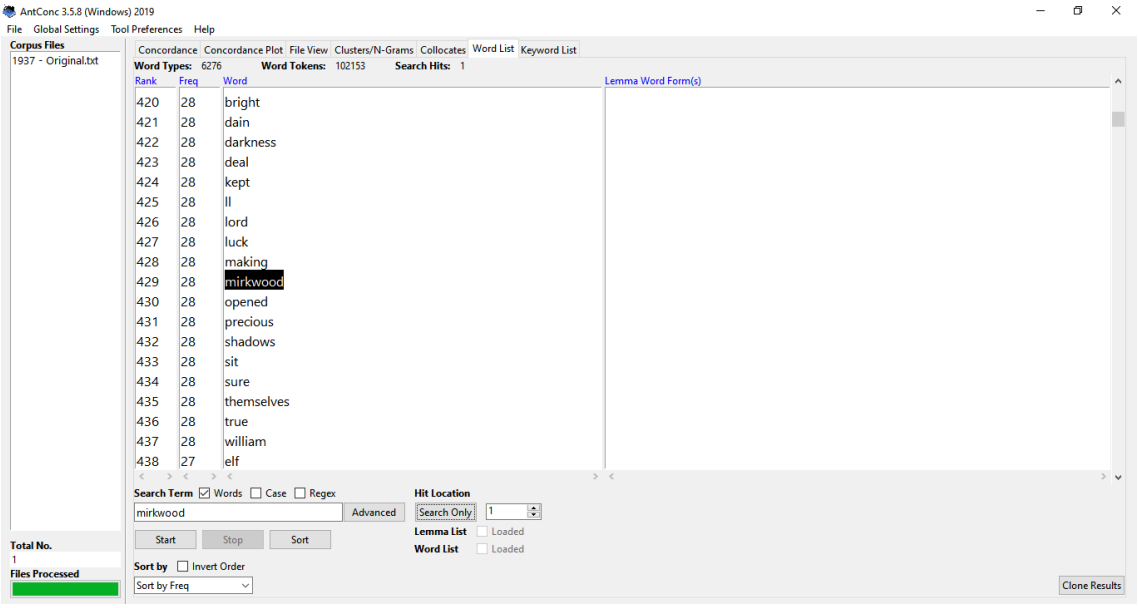

Figura 1: Tela do programa *AntConc 3.5.8* que mostra a ferramenta *Word List*, que aponta a quantidade de ocorrências de determinada palavra e sua posição no ranking de entradas.

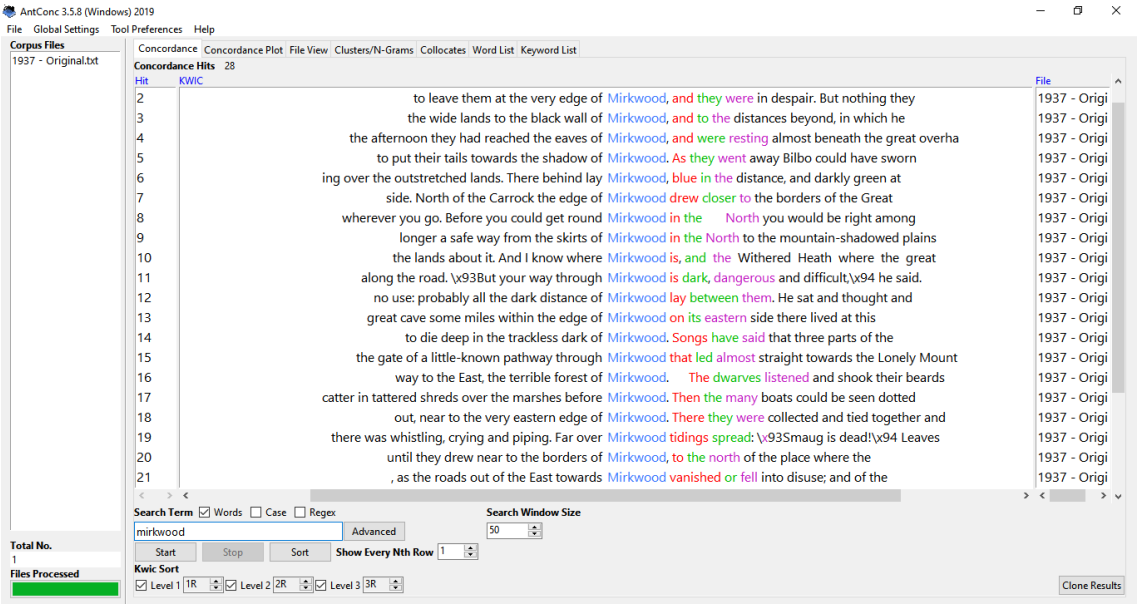

Figura 2: Tela do programa *AntConc 3.5.8* que mostra a ferramenta *Concordance*, que destaca a palavra pesquisada e todas as suas ocorrências em contexto.

Será feito um levantamento sobre seguintes conjuntos de termos e suas traduções: *thief*, *burglar*, *ladrão*, *gatuno* e *assaltante*; *dwarves*, *dwarfs*, *anões* e *anãos*; *trolls*, *trols* e *trolles*; *orcs*, *goblins*, *gnomos*, *orcos*, *orques* e *gobelins*; *Mirkwood*, *Floresta Tenebrosa*, *Trevaterra*, *Floresta das Trevas* e *Trevamata*, na obra original de 1937, e nas traduções de 1976, 1985, 1995 e 2019. Esse procedimento permitirá uma investigação abrangente sobre a ocorrência dos termos examinados.

Os *corpora* foram selecionados por trazerem de duas a quatro traduções distintas de um mesmo termo em inglês, a fim de se observar se há perda semântica em alguma delas, como será analisado na seção de análise qualitativa.

Os dados encontrados com o auxílio do programa serão reunidos em tabelas para que sejam feitas as análises. O método utilizado para tanto será o método misto, ou seja, a utilização das análises quantitativa e qualitativa. Segundo Bryman (1998, *apud* CUNHA LACERDA, 2016), o método quantitativo tem por base a quantificação dos dados investigados, que no caso compreende o número de ocorrências dos termos estudados em cada uma das obras; a análise qualitativa, por outro lado, leva em consideração que os conceitos e resultados devem ser obtidos após o levantamento numérico de dados, e não o oposto, ou seja, investiga aspectos que vão além dos números obtidos. Para Bryman, "a metodologia qualitativa busca uma descrição detalhada do objeto investigado a partir do contexto em que é instanciado" (BRYMAN, 1998, *apud* CUNHA LACERDA, 2016, p. 86). Os *corpora* então serão analisados a partir da obtenção dos resultados da análise quantitativa, sendo discutidos em seguida de modo qualitativo.

Na seção de análise quantitativa serão apresentadas tabelas com os números de ocorrências do objeto de análise no original e suas respectivas traduções, em linguagem matemática, a fim de observar se há distinção no número de ocorrências. Em seguida, na análise qualitativa, será observado o caminho que cada tradução seguiu, de acordo com o aporte teórico já apresentado.

O objetivo das análises é de encontrar as ocorrências de cada termo estudado, a fim de se observar como a escolha do vocabulário pode influenciar no resultado final da obra, partindo do princípio de que a substituição de palavras pode acarretar em mudança de conotação em contexto (BERBER SARDINHA, 2004), uma vez que é aplicado o princípio de que não há sinônimos perfeitos proposto por Ullmann (1984). E também será observado como algumas dessas escolhas se encaixam dentro do polissistema

literário, proposto por Even-Zohar (2013), levando em consideração a aceitação dos leitores.

4 Análise quantitativa

A ferramenta *Word List* do programa AntConc 3.5.8 foi utilizada como base para obtenção de dados numéricos sobre a ocorrência de termos na obra original, em inglês, e em suas traduções. Os números apresentados nas tabelas mostram a frequência do uso de casa palavra. Quando não houve resultados, foi usado o número 0.

4.1 Objetos de análise

Alguns termos distintos, por serem aqueles em que constamos maior inconsistência entre as diversas traduções, foram selecionados para a análise quantitativa na obra e em suas respectivas traduções. Eles serão apresentados nas próximas seções separadamente. As tabelas apresentadas foram construídas a partir dos dados obtidos com o programa AntConc 3.5.8. Por se tratar de uma raridade que não tem edição digitalizada, a tradução de 1962 será usada apenas na seção de análise qualitativa.

4.1.1 Thief/burglar

Obra	thief	burglar	ladrão	gatuno	assaltante
The Hobbit (1937)	7	26	0	0	0
O Hobbit (1976)	0	0	8	30	0
O Hobbit (1985)	0	0	18	0	26
O Hobbit (1995)	0	0	37	0	0
O Hobbit (2019)	0	0	7	26	0

Tabela 1 - Ocorrências dos termos *thief, burglar* e de suas respectivas traduções

Ao observar a **Tabela 1**, é visto que a tradução de Lopes (2019) mantém o mesmo número de itens observados na obra original. A palavra *thief*, traduzida por Lopes como *ladrão*, tem 7 ocorrências em inglês, e seu correspondente em português também aparece 7 vezes. O mesmo fenômeno ocorre com o termo *burglar*, que aparece

26 vezes em inglês, e tem seu correspondente em português, *gatuno*, sendo apresentado com a mesma frequência.

O mesmo não pode ser dito da tradução de Esteves e Pisetta (1995). Os termos foram padronizados em português, utilizando como única tradução a palavra *ladrão*. Somando as ocorrências distintas no inglês, as palavras então apareceriam 33 vezes, mas em português esse número subiu para 37, o que mostra que além da padronização, houve um maior desempenho no emprego dos termos.

A tradução de 1976, realizada por Luiz Alberto Monjardim, utilizou também a distinção entre os termos *ladrão* e *gatuno*, como a tradução mais recente, realizada em 2019. O número de ocorrências, porém, não é o mesmo, visto que a palavra *gatuno* aparece 30 vezes, enquanto o termo *ladrão* tem 8 ocorrências.

Na tradução portuguesa realizada por Fernanda Pinto Rodrigues e publicada em 1985, a palavra escolhida como correspondente de *thief* é *ladrão*, aparecendo 18 vezes, enquanto em inglês aparecia apenas 7. O correspondente de *burglar* nessa edição é *assaltante*, com 26 ocorrências, a mesma quantidade que aparece em inglês.

4.1.2 Dwarves/dwarfs

Obra	Dwarves	Dwarfs	Anões	Anãos
The Hobbit (1937)	297	1	0	0
O Hobbit (1976)	0	0	333	0
O Hobbit (1985)	0	0	318	0
O Hobbit (1995)	0	0	309	0
O Hobbit (2019)	0	0	2	324

Tabela 2 - Ocorrências do termo *dwarves, dwarfs* e de suas respectivas traduções

A **Tabela 2** mostra a ocorrência das palavras *dwarves* e *dwarfs*. A grafia gramaticalmente correta no inglês é *dwarfs*, mas o autor optou por usar uma forma distinta, porque assim poderia diferenciar a raça da qual fala no livro. Portanto, no

original de 1937, a palavra *dwarves* aparece 297 vezes, enquanto *dwarfs* aparece apenas uma vez em uma nota que explica os motivos de o autor ter utilizado a grafia que não seria a esperada.

Todas as traduções antes da feita por Lopes em 2019 decidiram respeitar a forma gramatical mais usual da palavra na língua portuguesa, utilizando, portanto, *anões* como o termo correspondente. Os números de ocorrências foram variados, sendo de 333 na tradução de 1976, 318 na de 1985 e 309 na de 1995.

Na tradução de 219, houve uma tentativa de manter no português a diferenciação criada pelo autor, portanto foi adotado o termo *anãos* como correspondente para *dwarves*. A palavra *anões* também teve 2 ocorrências, mas em elementos extratextuais, em uma nota do tradutor e no prefácio da obra. O termo anãos teve 324 ocorrências, sendo que 19 delas apareceram em elementos extratextuais, como sinopse do livro, sinopse da primeira edição, prefácio, posfácio e notas de tradutor.

4.1.3 Trolls

Obra	Trolls	Troles	Trols
The Hobbit (1937)	35	0	0
O Hobbit (1976)	0	25	0
O Hobbit (1985)	33	0	0
O Hobbit (1995)	34	0	0
O Hobbit (2019)	0	0	36

Tabela 3 - Ocorrências do termo *trolls* e de suas traduções

A **Tabela 3** mostra que a palavra *trolls* teve 35 ocorrências na obra original de 1937. As edições de 1985 e 1995 mantiveram em português a mesma grafia original, uma vez que a palavra não possuía correspondentes na língua, porque o termo é usado na obra para dar nome a uma raça inventada pelo autor. O número de ocorrências, entretanto, não foi o mesmo, sendo de 33 na tradução de 1985 e 34 na de 1995.

A primeira tradução para o português brasileiro, de 1976, mudou a grafia da palavra para *troles*, e o número de ocorrências diminuiu para 25. Já a tradução de 2019, que mudou a grafia para *trols*, teve 36 ocorrências.

4.1.4 Orcs/Goblins

Obra	Orcs	Goblins	Gnomos	Orcos	Orques	Gobelins
The Hobbit (1937)	2	155	0	0	0	0
O Hobbit (1976)	0	0	3	170	0	0
O Hobbit (1985)	2	0	181	0	0	0
O Hobbit (1995)	178	0	0	0	0	0
O Hobbit (2019)	0	0	0	0	3	175

Tabela 4 - Ocorrências dos termos *orcs, goblins* e de suas respectivas traduções

As palavras *orcs* e *goblins* são utilizadas para dar nome a uma mesma raça na obra de Tolkien. A diferença entre o emprego delas está nos próprios personagens que usam esses termos. *Goblin* é uma palavra que já existia no inglês quando a obra foi escrita, enquanto *orc* era uma palavra emprestada do inglês arcaico. Então na obra de Tolkien, as raças mais jovens chamam as criaturas de *goblins*, enquanto as raças antigas, como os elfos, usam a palavra *orc*. Nas adaptações para o cinema, foi interpretado que *goblins* são criaturas menores, enquanto os *orcs* são maiores.

O livro *O Hobbit* tem como personagens principais os anões e o hobbit que dá nome à obra. Essas raças utilizam o termo *goblins* para nomear as criaturas, portanto a ocorrência desse termo é de 155, enquanto a palavra orcs aparece apenas 2 vezes, em falas de elfos.

As traduções tiveram bastante divergência, principalmente por causa da outra grande obra do autor, *O Senhor dos Anéis*. Apesar de ser uma obra que se passa depois de *O Hobbit*, a tradução de *O Senhor dos Anéis* para a língua portuguesa ocorreu primeiro. Naquela obra, o termo *orcs* é muito mais empregado, portanto houve uma tentativa de padronizar os textos do autor.

Na tradução de 1995, foi utilizada a palavra com a mesma grafia na língua portuguesa, aparecendo em 178 ocorrências, usando o mesmo termo como correspondente para *orcs* e *goblins*. A tradução de 1976 mudou a grafia para *orcos* e teve 170 ocorrências da palavra utilizada como correspondente para *goblins*. Quando apareceu a palavra *orcs* no original, ela foi traduzida como *gnomos* e teve 3 ocorrências.

A tradução de 1985 fez praticamente o oposto daquela de 1976. Foi utilizada a palavra *gnomos* como correspondente de *goblins*, com 181ocorrências, enquanto *orcs* foi mantida com a mesma grafia, aparecendo 2 vezes.

Na edição mais recente da obra, de 2019, traduzida por Lopes, as grafias das palavras foram aportuguesadas. O termo *orcs* foi traduzido como *orques*, aparecendo 3 vezes, enquanto *goblins* foi substituído por *gobelins*, com ocorrência de 175.

4.1.5 Mirkwood

Obra	Mirkwood	Floresta Tenebrosa	Trevaterra	Trevormata	Floresta das Trevas	Trevamata
The Hobbit (1937)	28	0	0	0	0	0
O Hobbit (1976)	0	0	11	14	0	0
O Hobbit (1985)	0	28	0	0	0	0
O Hobbit (1995)	0	0	0	0	28	0
O Hobbit (2019)	0	0	0	0	0	35

Tabela 5 - Ocorrências do termo *Mirkwood* e de suas traduções

O termo *Mirkwood*, que é um nome de uma floresta que aparece no livro, foi traduzido diferente em todas as edições e tem a peculiaridade de ter sido traduzido de duas maneiras em uma única edição. Na obra original, a palavra aparece 28 vezes.

Na primeira tradução para o português do Brasil, de 1976, o tradutor optou por usar dois termos distintos como correspondentes para a palavra. Os termos aparecem de forma intercalada no texto, sendo que 11 vezes foi utilizada a palavra *Trevaterra* e 14 vezes *Trevormata*, dando um total de 25 ocorrências.

As edições de 1985 e 1995 utilizaram as traduções *Floresta Tenebrosa* e *Floresta das Trevas*, respectivamente. As duas também mantiveram a mesma frequência do original, de 28 ocorrências.

A tradução de 2019 utilizou o termo *Trevamata* como correspondente para *Mirkwood* e teve 35 ocorrências. Das 35, 28 estavam de fato no corpo do texto, como na obra original, enquanto as outras 7 apareceram no sumário e em legendas de ilustrações presentes na edição.

4.2 Conclusões desta seção

A análise quantitativa mostra que o texto traduzido tende a ter um maior número de ocorrências dos termos pesquisados. Para Baker (1999), um texto traduzido é sempre maior do que o texto fonte, porque na língua de chegada ocorrem mais explicitações de algumas palavras que apareciam na forma de referências indiretas. A autora afirma que a análise de *corpora* pode provar numericamente que o texto traduzido traz explicitações se comparado seu tamanho com o do texto original. O número maior de palavras se deve à necessidade de tornar as informações mais explícitas, portanto, os dados numéricos são capazes de provar que esse fenômeno ocorre.

As traduções encontradas através do programa AntConc 3.5.8 serão utilizadas na próxima seção a critério de se fazer a análise qualitativa. Será observado como os correspondentes escolhidos no português, independentemente de seu número de ocorrências, podem acarretar em mudanças significativas na interpretação do leitor da língua alvo.

5 Análise qualitativa

A obra de Tolkien chegou ao Brasil antes que traduções para o português brasileiro fossem realizadas. Livros como *O Hobbit* e *O Senhor dos Anéis*, que são marcos da literatura fantástica ocidental, ajudaram na criação de todo um imaginário fantástico no Brasil, que passou a ser repetido na literatura fantástica nacional. Criaturas como *trolls*, *orcs*, *elfos* e *anões* passaram a ser incorporados em muitas produções nacionais, desde livros a jogos de RPG, tornando-se parte de um polissistema brasileiro. Termos que eram traduzidos de certa forma até 1995 e possuem correspondentes divergentes na tradução de 2019 não foram muito bem aceitos por parte do público, uma vez que já tinha se formado uma identidade acerca da obra do autor. Mesmo se tratando de um universo fictício, nomes e terminologias já haviam se enraizado na cultura brasileira, tornando-se de certa forma canônicos.

Deve-se levar em consideração, porém, que quando os primeiros livros de Tolkien começaram a ser traduzidos para outras línguas, o autor não ficou satisfeito com o resultado, redigindo então o guia no qual ensinava como traduzir seus livros. No texto *Nomenclatura de O Senhor dos Anéis* ou *Guia para os nomes de O Senhor dos Anéis*, Tolkien informa que os nomes e expressões presentes em seus compêndios só devem ser traduzidos se já houverem palavras correspondentes na língua alvo. Em caso de termos inventados, o tradutor deve se ater ao original, seguindo apenas convenções de ortografia em sua língua.

Reinaldo José Lopes, tradutor da edição de 2019 do livro *O Hobbit*, publicou em 2012 um artigo criticando as posturas tradutórias nas obras de Tolkien, uma vez que observou que as traduções para o português brasileiro existentes até então perdiam as características de variação linguística presentes na obra original. De acordo com Baker (2000), o posicionamento de um tradutor faz parte do que será impresso em seu estilo, então é esperado que Lopes (2019) tenha tentado em seu trabalho manter essa variação, uma vez que sua postura com relação a isso deve afetar diretamente seu viés de trabalho.

O que se tornou canônico no Brasil com a tradução de 1995 não é necessariamente a tradução ideal, de acordo com o guia deixado pelo autor, nem obrigatoriamente a que melhor representa a obra original. Algumas traduções acabam perdendo o caráter de variação linguística construído de maneira pensada e proposital

pelo autor. Então será observado nessa seção quais traduções se afastam ou se aproximam mais do texto original.

É importante lembrar nessa análise que Reinaldo José Lopes teve boa parte de sua pesquisa e formação acadêmica dedicada a Tolkien, portanto, é esperado que seu estilo de tradução se mantenha mais fiel ao original que aquele de tradutores que não possuem a mesma especialidade. Portanto sua tradução pode ter um caráter mais estrangeirizador nesse sentido.

Cada termo escolhido será analisado separadamente nos próximos tópicos para que haja uma maior compreensão. A tradução de 1962 não foi utilizada na análise quantitativa, por se tratar de uma edição rara, mas foram encontradas fotos de algumas páginas que incluíam o uso desses termos, portanto, eles serão utilizados em critério de comparação na análise qualitativa.

seguinte teriam de partir, logo de manhãzinha, aos primeiros alvores do Sol.

Elrond, que conhecia todas as espécies de escrita rúnica, nesse dia, olhando para as espadas que os anões haviam trazido da caverna dos gigantes, disse:

— Isto não é obra dos gigantes. São espadas muitíssimo antigas que pertenceram àquela raça de elfos a que agora se chama gnomos. Foram feitas em Gondoline para as guerras contra os duendes. Devem ter vindo do tesouro de algum dragão ou da pilhagem dos duendes, pois dragões e duendes destruíram aquela cidade em época muito recuada. Nesta, a de Thorin, está escrito, em caracteres rúnicos, Orcrist, palavra que, na antiga língua de Gondoline, significava «destruidor de duendes»; era uma lâmina famosa. A de Gandalf, chamada Glamdring, era a «esmaga-inimigos», usada outrora pelo rei de Gondoline. Cuidem bem delas!

— Só gostava de saber como é que os gigantes as apanharam — declarou Thorin, contemplando a sua espada com renovado interesse.

— Isso não posso eu dizer ao certo — respondeu Elrond. — Mas é fácil de adivinhar que os vossos monstros haviam roubado outros ladrões ou encontrado os despojos de outros assaltos antigos nalgum esconderijo das montanhas do Norte. Ouvi dizer que existem ainda tesouros esquecidos nas cavernas desertas das minas de Mória, tesouros que datam do tempo das guerras entre duendes e anões.

Thorin ponderou bem estas palavras e disse:

— Hei-de saber honrar esta espada. Oxalá ela possa um dia encontrar de novo os duendes para os rachar de meio a meio!

— Aí está um desejo que não tardará a ser satisfeito,

69

Figura 3 - Foto de uma das páginas da edição *O Gnomo*, de 1962, que mostra a palavra *gigantes* como tradução para *trolls*.

5.1 A construção de significado nas traduções de *thief* e *burglar*

No texto original de *The Hobbit*, de 1937, pode-se notar uma distinção entre o emprego das palavras *thief* e *burglar*. Observando o contexto da obra, é constatado que o termo *burglar* é utilizado para se referir à personagem principal, *Bilbo*, a quem foi oferecido um trabalho em que deve ajudar treze anões a invadir uma montanha, recuperando seu tesouro. A palavra é utilizada pura e simplesmente para se referir à sua função, sendo isenta de cargas negativas nesse contexto. Ao contrário disso, o *burglar* teria um papel fundamental e bom para a história, uma vez que ajudaria os outros a recuperar o tesouro que foi roubado por um dragão maligno. Já o termo *thief* é utilizado em outro contexto e com uma carga totalmente oposta, referindo-se à pessoa que comete o ato de roubar propriamente dito.

É importante verificar que, em inglês, a palavra *burglar* é comumente utilizada quando acompanha o *phrasal verb* "break into". Isso faz com que ela traga consigo um valor semântico de invasão, ou seja, trata de alguém que consegue se esgueirar de maneira furtiva para dentro de algum local.

Considerando as diversas traduções do livro para o português, observa-se que a palavra *burglar* foi traduzida de maneira distinta em algumas edições. Na primeira versão em língua portuguesa, em 1962, utilizou-se a palavra *salteador*; nas edições brasileiras de 1976 e 2019 foi adotado o termo *gatuno*; na portuguesa de 1985 é usada a palavra *assaltante* e na edição brasileira de 1995 foi utilizada a palavra *ladrão*, sem fazer nenhuma distinção da tradução de *thief*.

Na tradução de Esteves e Pisetta (1995), por questões de escolhas tradutórias, houve um apagamento da diferença linguística construída pelo autor da obra original e as duas palavras em inglês foram traduzidas como *ladrão*. Essa escolha acarreta em mudanças na prosódia semântica, uma vez que o termo escolhido como correspondente das duas formas tem uma carga mais negativa. O leitor do texto traduzido, como receptor final, além de perder a diferenciação existente no original, pode acabar sendo levado a uma interpretação errônea da história. Quando no livro é utilizada a palavra *thief*, a carga semântica é bastante negativa, e isso é enfatizado quando um personagem que teve um objeto roubado grita três vezes "thief, thief, thief", com a intenção de maldizer aquele que roubou. Utilizar em português uma tradução que apaga esses traços de diferença pode levar o leitor a associar a função do personagem na história com a carga negativa que não estava presente nesse contexto no romance de Tolkien. Quando se fala de *burglar*, o termo é utilizado para caracterizar uma função que é equivalente a uma profissão. A personagem *Bilbo* é contratada para exercer essa função, tendo um

caráter fundamental de ajudar personagens que estão do lado considerado bom da história. A função de *Bilbo* é tomar de volta o que foi roubado, então chamá-lo de ladrão nesse contexto dá a ele uma conotação que não estava presente na obra original. Isso é acentuado também pelo número de ocorrências das palavras, como observado na seção de análise quantitativa. A tradução de 2019 tem o mesmo número de entradas que o original para os dois correspondentes, mas a de 1995, que uniformizou os termos, tem 37 ocorrências da palavra *ladrão*, o que dá ao texto uma carga semântica de conotação muito mais negativa que o original.

Na língua portuguesa existe uma diferença sutil entre as palavras *salteador*, *assaltante*, *gatuno* e *ladrão*, que são os correspondentes utilizados nas demais edições. De acordo com o *Dicio - Dicionário de Português*, a principal definição de *gatuno* é "aquele que furta e se apodera de algo que não lhe pertence"; *salteador* é quem "assalta ou acomete de improviso"; *assaltante* é aquele que "ataca para furtar", e *ladrão* é o "indivíduo que rouba". Apesar de semelhantes, os termos não possuem sinonímia perfeita, e alguns, como *gatuno* e *salteador*, aproximam-se mais de uma entidade que realiza seus atos de maneira furtiva.

A tradução mais recente, de Lopes (2019), tenta solucionar a diferença linguística introduzindo o termo *gatuno*. Observando os dados obtidos pelo programa AntConc 3.5.8, é notável que as frequências de uso de *burglar* e *gatuno* são exatamente idênticas, e o mesmo ocorre com *thief* e *ladrão*. Em uma análise do contexto da obra, é visto que a igualdade numérica não se dá por acaso, e que Reinaldo José Lopes (2019) de fato optou por traduzir as palavras de maneira distinta. Essa diferenciação, além de manter a variação linguística presente na obra original, tenta preservar a prosódia semântica, uma vez que a palavra *gatuno* em português não tem a carga tão negativa quanto a da palavra *ladrão*. Isso garante ao leitor novas possibilidades de interpretação do texto, uma vez que os contextos diferentes não serão mais associados.

A primeira edição brasileira do livro, de 1976, com tradução de Luiz Alberto Monjardim, também havia utilizado o termo *gatuno* como correspondente para *burglar* e mantinha a diferença semântica na tradução. A utilização dessa mesma palavra na tradução mais recente mostra que o tradutor decidiu resgatar algo que já tinha sido usado no português brasileiro, mas sem o apagamento que existiu na edição de 1995.

As edições portuguesas de 1962 e 1985 também optaram por manter a carga semântica distinta, utilizando *salteador* e *assaltante*, respectivamente. Mesmo não tendo

sido aprovada pelo próprio Tolkien, a edição de *O Gnomo* (1962) já trazia essa noção de variação linguística.

Observando os conceitos de prosódia semântica de Sardinha (2004) apresentados na seção de aporte teórico, observa-se que os termos *burglar* e *thief* no original em inglês possuem cargas e conotações distintas na história. Nos contextos em que a palavra *burglar* aparece, ela estava se referindo a uma função que determinada personagem é contratada para exercer, de invadir a montanha tomada pelo dragão e recuperar o tesouro dos anões, que foi anteriormente roubado pela criatura, como visto em "You can say *Expert Treasure-hunter* instead of *Burglar* if you like" (Tolkien, 1937, p. 47). Por outro lado, a palavra *thief* é utilizada no contexto em que *Bilbo* rouba de fato o anel da invisibilidade de *Gollum*, como visto em "Thief, thief, thief! Baggins! We hates it, we hates it, we hates it for ever!" (Tolkien, 1937, p. 150) Portanto, utilizar a mesma tradução para os dois vocábulos acabaria trazendo a mesma carga nas duas ocorrências, o que não é visto na obra original. Por manter a mesma entrada como correspondente em português para as duas palavras, a tradução brasileira de 1995 fez com que as conotações que eram distintas no original se tornassem equivalentes no texto traduzido. As demais traduções utilizaram *salteador* (1962), *assaltante* (1985) e *gatuno* (1974 e 2019), o que trouxe uma carga diferente para o texto. Reinaldo José Lopes, tradutor da edição de 2019 informou que utilizou o termo *gatuno* por se tratar de uma palavra mais romântica.[9]

Coadunando a prosódia semântica com a discussão sobre sinonímia perfeita proposta por Ullmann (1964), é possível afirmar que os contextos diversos fazem com que as palavras *burglar* e *thief* não sejam sinônimos perfeitos, porque não podem ser trocadas uma pela outra de forma que o sentido do texto permaneça o mesmo. É necessário, portanto, que a tradução não trate as ocorrências distintas como sinônimos perfeitos, porque isso mudaria o sentido na obra.

Os dados e a análise do uso de cada termo provam que as escolhas tradutórias diferentes acarretam em padrões diferentes no produto final, que é o texto traduzido. Por conterem cargas bastante distintas na obra original, padronizar os termos na tradução causaria um apagamento cultural, levando o leitor a uma interpretação da obra que não condiz com o que foi criado pelo autor. Ao utilizar uma palavra distinta, consegue-se

[9] O tradutor fez essa afirmação em uma conversa via áudio de *Whatsapp* em 12 de março de 2020.

manter a diferença linguística presente na obra, sem apagar esse marcador de identidade criado por Tolkien.

5.2 O "equívoco" do autor: *dwarves* ou *dwarfs*?

Na língua inglesa, palavras terminadas com a letra "f", como *calf* e *half* tendem a usar o plural com o sufixo "ves", tornando-se *calves* e *halves*. Existem, entretanto, palavras que são exceções a essa regra, como *roof* e *chief*, que possuem o plural com o acréscimo da letra "s" no final. A palavra *dwarf* costumava ser uma dessas exceções onde apenas uma letra era acrescentada ao final como marcador de número. Entretanto, Tolkien utilizou a forma *dwarves* em seu livro, inicialmente de forma incorreta, mas depois decidiu seguir com a grafia para fazer a distinção da criatura fantástica presente na obra.

Em uma carta para Stanley Unwin, o editor do livro *The Hobbit*, Tolkien afirma o seguinte:

> Nenhum crítico (que eu tenha visto), embora todos tenham eles próprios usado cuidadosamente a forma correta *dwarfs* ["anões"], comentou a respeito do fato (do qual me tornei consciente apenas através das críticas) de eu usar no decorrer do livro o plural "incorreto" *dwarves*. Temo que esse seja apenas um pedaço particular de gramática ruim, um tanto chocante em um filólogo; mas terei de continuar com ele. (TOLKIEN *apud* CARPENTER, 1981)

A partir de então, o autor começa a utilizar o termo com a grafia incorreta para criar uma distinção entre a palavra existente na língua inglesa e o ser que faz parte de suas histórias. O que começou como um desvio gramatical passou a ser considerado atualmente como a forma canônica de se referir à raça ficcional criada por Tolkien. E por causa da popularidade das obras *O Hobbit* e *O Senhor dos Anéis*, outros autores de fantasia começaram a adotar a mesma grafia. Portanto, quando se trata de universos fantásticos, a palavra *dwarves* passou a ser aceita, mas em outros contextos ainda se deve usar, de acordo com a gramática, a forma *dwarfs*.

Em língua portuguesa, a única edição que se atentou para essa distinção foi a traduzida por Lopes (2019). Todas as edições anteriores utilizaram a grafia mais usual na língua: *anões*. A tradução de 2019, entretanto, buscou manter o estranhamento de uma grafia diferente e fez o uso da forma *anãos*.

Em português, todavia, as duas grafias no plural estão corretas, então *anões* e *anãos* são aceitas gramaticalmente. O estranhamento ocorre por uma questão de uso,

uma vez que os falantes da língua tendem a utilizar com mais frequência o plural com o sufixo “ões”. Em muitos casos, as palavras terminadas em “ão” possuem o plural com acréscimo de “s” final, mas plurais terminados em “ães” e “ões” são mais uma forma possível em casos particulares, podendo ser a mais usual.

A decisão de Tolkien de manter a grafia distinta acarretou na construção de uma terminologia específica, utilizada exclusivamente em contextos de fantasia. A tradução de 2019 procurou manter essa diferença linguística criada na obra original, mas empregou uma palavra que já existia em português e, portanto, pode ser utilizada em qualquer contexto. O caráter de estranhamento, entretanto, foi criado, por não ser a palavra mais usual em língua portuguesa, e essa foi a única edição que se preocupou em manter esse traço, visto que as outras simplesmente adequaram o livro ao que era mais comum em português.

Ao propor a *Teoria dos Polissistemas*, Even-Zohar (2013 [1978]) afirma que um sistema é regido por fatores culturais e históricos, o que mostra que o período de tempo é um fator importante quando se analisa uma obra. Quando foi publicado em português pela primeira vez em 1962, a palavra *anões* foi escolhida como plural de *anão* na obra de Tolkien. De 1962 a 2018, esse foi o termo empregado inclusive em dublagens e legendagens de filmes baseados na obra do autor. Além disso, essa palavra também foi incorporada na literatura de fantasia nacional, que seguiu os modelos consolidados pelas traduções. Em 2019, quando a tradução muda para *anãos*, na tentativa de que a distinção feita pelo autor seja mantida, ocorre um estranhamento por causa de todo o histórico da obra dentro do sistema.

Deve-se levar em consideração também o que Zohar afirma que são os fatores de interesse do sistema de chegada. Quando o tradutor e a editora decidem em conjunto alterar a tradução de um termo, há por trás disso a intenção de que o público-alvo, que em grande parte é constituído por fãs do autor, tenha em mãos uma tradução que aproxime mais o leitor do escritor, mantendo o texto traduzido o mais próximo possível do original.

5.3 O caso dos *trolls* e o cânone literário

Quando se estuda a etimologia da palavra *troll*, é visto que ela foi emprestada da mitologia Nórdica. Nessa mitologia, as palavras *troll* e *tröll* são utilizadas para designar os *jötnar* e *jötunn*, que são os gigantes que vivem em montanhas isoladas, rochedos e

cavernas, podendo viver em grupos, que geralmente são compostos de pai e filha, ou mãe e filho. Essas criaturas geralmente não são amigáveis e possuem habilidades especiais, por se tratarem de seres mágicos. O primeiro registro que se tem da utilização escrita do termo é na obra *Edda em prosa*, que é um compêndio de mitologia nórdica e também um manual islandês de poesia escáldica.[10]

Na obra de Tolkien, os *trolls* são descritos como criaturas grandes, estúpidas e más. São inteligentes apenas para se comunicar através de línguas conhecidas, mas não são capazes de elaborar planos e pensamentos muito complexos. Quando entram em contato com a luz do sol, essas criaturas são transformadas em pedra. Gostam de comer carne e de beber cerveja.

Sobre o conhecimento de Tolkien sobre a mitologia nórdica e seus estudos como filólogo, a jornalista Nancy Martsch afirma que:

> Ele saberia que o significado primário de *trylla* na língua nórdica antiga é trabalhar com magia ou encantar. Esse significado ainda existe nas modernas línguas escandinavas, tanto que, na tradução norueguesa de *O Senhor dos Anéis*, Gandalf, o Mago, torna-se *trollmannen Gandalv* (ou Gandalf, o Feiticeiro). (MARTSCH, 2014, p. 187)

Na literatura fantástica, os *trolls* passaram a ser representados como criaturas solitárias e desprovidas de inteligência, vivendo sempre afastadas dos humanos, podendo interagir com eles em ocasiões específicas, mas geralmente possuindo uma carga negativa, de vilania.

A palavra *troll* foi traduzida de maneiras distintas para o português. Na primeira edição, de 1962, foi adotado o termo *gigante* para se referir a essas criaturas. Essa foi a única tradução que mudou completamente o radical da palavra, apelando para traduções que buscavam o significado literal nas línguas escandinavas. Essa também foi a única edição em língua portuguesa com a qual Tolkien teve contato, mas de acordo com Douglas A. Anderson (2021), ele não ficou contente com a mudança, uma vez que utilizava uma palavra emprestada, mas criava uma raça completamente diferente. De acordo com o guia de tradução elaborado por ele, nomes de raças deviam ser mantidos da mesma forma na língua alvo, respeitando apenas as convenções de plural e singular daquela língua.

[10] Poesia escáldica foi uma tradição literária oral da Noruega e da Islândia nos séculos X a XII.

Na primeira edição brasileira do livro, de 1976, foi utilizada a palavra *troll* no singular, enquanto no plural foi utilizada *trolles*. O plural, para Tolkien, devia ser feito de acordo com as convenções da língua, acrescentando "s" ou "es" ao fim dos nomes, então a utilização de *trolles* não iria contra o que foi deixado pelo autor em seu guia.

A edição portuguesa de 1985 e a brasileira de 1995 mudaram a forma plural do termo, acrescentando apenas o "s" no final, em vez de "es". Então passou a ser utilizado o plural *trolls* em língua portuguesa, que se tornou um termo canônico das traduções não apenas das obras de Tolkien, mas de todas as fantasias que contavam com a presença das criaturas. Essa raça também é muito presente em jogos de RPG, seja em jogos de tabuleiro, de mesa ou de videogames e computador. Em todas essas plataformas, sempre se adotou a mesma tática, de manter a palavra *troll*, apenas acrescentando o "s" ao final quando houver plural.

A tradução de Lopes (2019), entretanto, trouxe uma nova modificação. Em vez de utilizar a mesma palavra, o tradutor optou pela forma *trol*, eliminando um "l" no final, e acrescentando apenas o "s" na forma plural. De acordo com o *Dicio – Dicionário de Português*, *trol* é uma palavra existente na língua portuguesa, portanto a utilização no singular não seria incorreta. A questão é que o plural gramaticalmente correto do vocábulo com apenas um "l" seria *tróis*, não *trols*. Eliminando a letra repetida, também, o tradutor estaria utilizando a palavra em português que é derivada da mitologia nórdica, não a palavra que define a raça inventada por Tolkien. Apesar de Tolkien ter afirmado em seu guia que palavras existentes nas duas línguas devem ser traduzidas, criou-se uma distinção semântica entre a criatura mitológica e a raça que existe em suas obras, então a escolha tradutória pode influenciar na construção de significado.

A eliminação do "l" final na edição de 2019 não foi bem aceita pelo público, pelo fato do item *trolls* já ser canônico para se referir a essas criaturas na língua portuguesa. No portal *Valinor*, Lopes afirma que as escolhas tradutórias não são realizadas apenas por ele, mas por uma equipe composta pelo gerente editorial Samuel Coto e três tradutores, que são o próprio Reinaldo José Lopes, Ronald Kyrmse e Gabriel Brum. Ele afirma ainda que houve votação para a escolha da tradução e que seguiram a orientação do guia deixado pelo autor, de que as palavras existentes na língua inglesa corrente deviam ser traduzidas ou adaptadas para a língua alvo, então escolheu-se eliminar a duplicação da consoante final, que é inexistente em português.

Even-Zohar (1990 [1978]) afirma que a literatura traduzida, se alçada ao centro do polissistema literário, pode criar moldes para a literatura nacional. Isso pode ser observado com a produção de literatura fantástica no Brasil. A palavra *troll*, apesar de não ter sido criada por Tolkien, mas sim emprestada dos folclores nórdico e escandinavo, chegou a se tornar tendência por causa das obras do autor. Foi através de Tolkien que essas criaturas se tornaram personagens de jogos de RPG, além de figuras marcantes em livros e filmes do gêneros.

No Brasil, apesar de a tradução de 1976 chamar as criaturas de *trolles*, ficou convencionado que a palavra era mantida com a mesma grafia do inglês, *troll* — ou *trolls*, no plural. A tradução de 1962 em Portugal, que utiliza o termo *gigantes*, foge completamente do que é proposto pelo autor, mudando não só a prosódia, mas também o significado, porque observando a etimologia da palavra, observa-se que no original ela abarcava desde gigantes monstruosos a pequenos *goblins*. Resumir tudo a apenas gigantes perderia parte do significado da palavra.

A tradução de 2019, que escolheu aportuguesar a palavra, eliminando a repetição da última letra, quebra o que já havia se tornado consagrado no Brasil. Dentro do polissistema literário brasileiro isso causa estranhamento e rejeição de parte do público, que já estava acostumada à forma utilizada nas edições anteriores.

Sobre essas mudanças, Lopes afirma no portal *Valinor*:

> Por que fazer isso agora? Por que não manter os termos consagrados? A resposta é uma só: coerência. Ter uma nomenclatura para a obra toda, de cabo a rabo, que realmente leve em conta toda a lógica da nomenclatura tolkieniana conforme expressa pelo autor e conforme ela se casa com a estrutura e a história do português brasileiro. É isso que estamos buscando. (LOPES, 2018)

5.4 A diferença entre *orcs* e *goblins*

Apesar de as palavras *orcs* e *goblins* serem usadas como sinônimos na obra *O Hobbit*, existe uma diferença em quem usa cada um dos termos. *Goblin* é uma palavra utilizada pelas raças mais jovens, como os *hobbits* e anões, que são maioria na obra, portanto, a palavra *goblin* aparece em uma quantidade muito superior, porque é assim que esses seres chamam essa raça.

Na obra *The Hobbit* aparecem as duas palavras para denominar essas criaturas e algumas traduções seguiram pelo mesmo caminho. Mas a tradução brasileira de 1995

optou por unificar as duas formas, utilizando *orcs*, que é a palavra que possui apenas duas ocorrências no original em inglês. Isso ocorre porque, no Brasil, os três volumes de *O Senhor dos Anéis* foram publicados anteriormente e, nessas obras, a palavra *orcs* é predominante. Houve uma tentativa de padronizar todas as obras do autor, mas isso acarretou em uma perda da variação que ele havia criado propositalmente.

Partindo do pressuposto de Stephen Ullmann (1984) de que sinônimos perfeitos existem apenas em textos técnicos de linguagem específica, utilizar as palavras *orcs* e *goblins* como sinônimos seria um equívoco, uma vez que elas não podem ser intercambiadas em todos os contextos na obra de Tolkien. Apesar de ser um nome que se refere a uma mesma raça, povos diferentes utilizam lexemas diferentes, então isso deve ser levado em consideração. Unificando palavras que são distintas, ocorre um apagamento de um traço cultural importante para a obra, porque a língua não deve ser vista como algo separado do meio em que está inserida, porque ela se constrói a partir das interações sociais e deve levar em consideração os falantes e os contextos.

Em contrapartida, todas as outras edições mantiveram a distinção, mesmo tendo traduzido as palavras de modo distinto. A obra *O Gnomo*, publicada em Portugal em 1962, utilizou *duendes* como correspondente para *goblins*, enquanto a também portuguesa edição de 1985 utiliza *gnomos*, o que entra em conflito com a edição anterior do país, que chamava os *hobbits* de *gnomos*. As duas edições mantêm a palavra *orcs* em português.

No Brasil, além da edição já comentada, também existem a edição de 1976, que tem a particularidade de inverter a tradução. A palavra *goblins* é traduzida como *orcos*, enquanto *orcs* tem *gnomos* como correspondente. Isso fez com que a frequência fosse invertida, como visto na seção de análise quantitativa, fazendo com que as raças fossem chamadas por aqueles nomes de modo exatamente inverso ao que o autor criou no original.

A edição brasileira de 2019 tentou manter a distinção entre os nomes, mas houve o aportuguesamento das palavras. *Orcs* tornou-se *orques*, enquanto *goblins* tornou-se *gobelins*. A palavra *orque* já vinha sendo incorporada ao português por causa da adjetivação do termo, como o uso de *órquico*/*órquica*/*(s)*. As formas adjetivadas começaram a ser usadas por jogadores de RPG, principalmente do jogo *Warcraft*, que em sua localização traz terminologias como *hordas órquicas*, *dicionário órquico* e *guerra órquica*. No meio literário, esses adjetivos já tinham aparecido na trilogia *O*

Conjurador, do autor Taran Matharu (2015), traduzida por Edmo Suassuna. As palavras *orques* e *gobelins* são usadas também no francês.

Sobre as escolhas tradutórias na edição de 2019, Lopes afirma no portal Valinor:

> "Duendes", em português, são entidades com associações fofinhas e naturebas que não dão conta dos "goblins" de Tolkien – daí a opção por "gobelim/gobelins". Quanto a "Orc", nunca tivemos uma palavra que sequer se aproximasse em sentido ou tom no nosso idioma.
> A opção mais lógica é abraçá-las como neologismos – desde que a adaptação fonética necessária seja feita. Aliás, no caso de "Orc" a adaptação fica na fronteira entre o fonético e o gráfico. Ou você conhece algum brasileiro que pronunciasse "Orc" de um jeito que não soasse como "Orque" (aliás, "orqui", né)?
> (LOPES, 2019)

Lopes afirma ainda que neologismos são comuns na língua portuguesa e que palavras como *futebol* e *deletar* também sofreram mudanças em suas grafias para se adequar às normas do português.

5.5 A floresta *Mirkwood*

A palavra *Mirkwood* foi concebida a partir da anglicização da palavra *Myrkviðr* ou *mirkiwidu*, que apareciam originalmente em poemas *eddaicos*[11]. Em um comentário no livro *A Lenda de Sigurd e Gudrún*, Christopher Tolkien define o local como:

> [...] uma escura floresta limítrofe, separando os povos, e se encontra com diferentes aplicações nos poemas da *Edda*; mas parece provável que na origem representasse uma lembrança, na lenda heroica, da grande floresta que dividia a terra dos godos da dos hunos, muito longe ao sul e a leste. É isso que o nome significa no poema eddaico "Atlakviða", a balada de Atli (Átila), e é dali que surgiu nesta balada.
> (TOLKIEN, C., *A Lenda de Sigurd & Gudrún*, 2010, p. 279)

O livro *A Lenda de Sigurd & Gudrún* é uma versão que J. R. R. Tolkien escreveu sobre duas lendas nórdicas, a *Balada dos Völsungs* e a *Balada de Gudrún*. O autor utilizou então algumas palavras e expressões nórdicas em suas criações literárias, por isso *Mirkwood* chegou até *O Hobbit* e *O Senhor dos Anéis*.

[11] Poemas de tradição escandinava e nórdica, escritos em três medidas — épica, de fala e da música. Duas coletâneas com essas poemas foram encontradas na Islândia e são chamadas de *Eddas*. As *Eddas* narram aventuras de deuses e heróis da mitologia nórdica.

Em uma carta para seu neto Michael, datada de 29 de julho de 1966, Tolkien afirma que:

> Mirkwood não é uma invenção minha, mas um nome muito antigo, carregado de associações lendárias. Provavelmente foi um nome germânico primitivo para as grandes e montanhosas regiões florestais que antigamente formavam uma barreira ao sul das terras de expansão germânica. Em algumas tradições era usado especificamente para a fronteira entre godos e hunos. Falo agora de memória: sua antiguidade parece indicada por seu aparecimento em alemão muito primitivo (séc. XI?) como *mirkiwidu*, embora o radical ***merkw*— "escuro" não seja encontrado de qualquer outra forma em alemão (apenas em ing. ant., sax. ant. e nórd. ant.), e o radical ***widu*— > *witu* estava (acho) limitado em alemão ao sentido de "madeira de lei", não muito comum, e não sobreviveu em al. mod. Em ing. ant., *mirce* sobrevive apenas na poesia e no sentido de "escuro", ou melhor "sombrio", apenas em *Beowulf* 1405 *ofer myrcan mor:* em outros lugares apenas com o sentido de "obscuro" > perverso, infernal. Creio que nunca foi uma simples palavra de "cor": "preto", e desde o início estava carregada com o sentido de "obscuridade"...
> Pareceu-me uma sorte grande demais que Mirkwood permanecesse inteligível (exatamente com o tom certo) em inglês moderno para que fosse ignorada: quer *mirk* ["trevas"] seja um empréstimo nórdico, quer seja uma revigoração da palavra obsoleta em ing. ant.
> (TOLKIEN, 1966, apud CARPENTER, 2010, carta 289)

Quando discorre sobre a tradução da palavra *Mirkwood* em seu *Guia para os nomes em O Senhor dos Anéis*, Tolkien afirma apenas que deve ser feita utilizando o bom senso, mantendo, se possível, um tom poético e antigo. As edições em português não entraram em consenso sobre uma palavra ou construção, portanto as quatro edições, exceto *O Gnomo* (1962), que manteve a palavra na forma original, utilizaram correspondentes distintos.

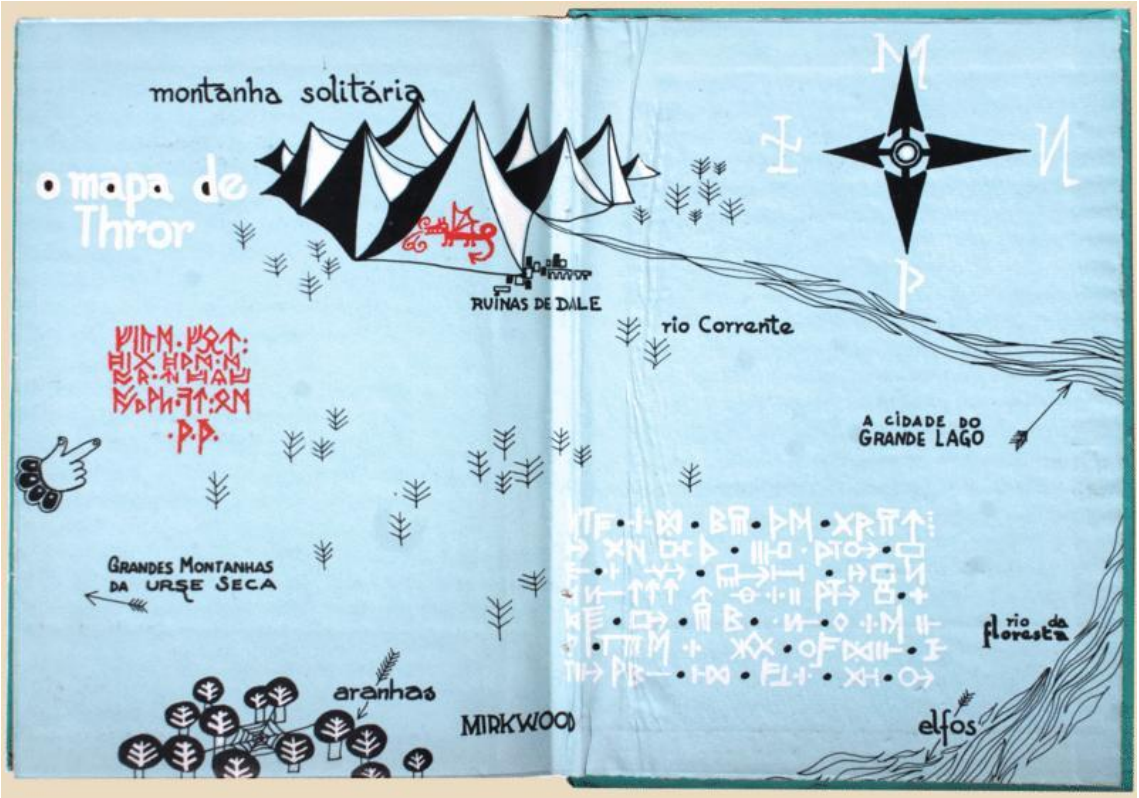

Figura 4 - Mapa encontrado na contracapa do livro *O Gnomo* (1962), mostrando a floresta de *Mirkwood* com o nome original.

As traduções de 1976 e 2019 empregaram os termos *Trevaterra*/*Trevormata* e *Trevamata*, respectivamente, enquanto a de 1995 usou a expressão *Floresta das Trevas*, e a edição portuguesa de 1985 fez uso de *Floresta Tenebrosa*. Enquanto as edições de 1976 e 2019 buscaram preservar uma forma mais poética, com a aglutinação de duas palavras de forma ainda compreensível, as outras edições trouxeram a proposta de manter o significado mais explícito, em detrimento da forma. A tradução de Portugal ainda utilizou a palavra *Tenebrosa*, que traz a noção de que o lugar é coberto de trevas.

As edições brasileiras de 1976 e 2019, por tentar manter o estilo do original, acabou por também dar ao local um nome com uma forma aglutinada, em vez de duas ou três palavras, como nas outras edições. A floresta também recebe outros nomes na obra de Tolkien, na língua élfica Sindarin, *Taur-nu-fuin*, que pode ser traduzido como *Floresta sob a sombra da noite*, e *Taur-e-ndaedelos*, que quer dizer *Floresta do grande temor*. Esses nomes, porém, são utilizados na Primeira e na Segunda Era da *Terra*

Média[12], respectivamente, enquanto *Mirkwood* é a palavra comum na Terceira Era, período em que se passa o livro *O Hobbit*.

Sobre a tradução de 2019, Lopes afirma que houve a escolha de fazer algo mais estrangeirizador por conta da linguagem muito peculiar do próprio autor, que tem essas influências filológicas. Para que não se perdesse esse caráter que a obra original possui, escolhas foram feitas a critério de tentar preservar essas características em português. Ele diz em uma entrevista que:

> O tradutor precisa ter coragem para fazer jus a esses elementos do Tolkien que são difíceis ou que são inesperados, complicados.
> É uma tradução estrangeirizadora, tentando trazer ao máximo os elementos do texto original, até os elementos que são mais estrangeiros ou estranhos e não usados no português, pelo menos não no moderno. Eu tento olhar elemento por elemento, como as palavras até a sintaxe, e passar ponto a ponto no português. Se o adjetivo está na quinta posição ou o objeto direto está invertido com o sujeito, deixar assim em português sempre que possível. (LOPES, entrevista a *Tolkienista*, 30 de julho de 2019)

Tentar manter a ordem das palavras e manter as construções parecidas em sua tradução, além de manter a forma poética do original, influenciou nas escolhas tradutórias de Lopes. Portanto, aglutinar as palavras para se assemelhar ao original fez parte dessas escolhas.

Na carta para seu neto, Tolkien afirma que a palavra *Mirkwood* tem associações lendárias, além de carregar em sua formação uma associação com algo obscuro, perverso e infernal. Em seu guia, o autor afirma ainda que deve ser mantido um caráter antigo e poético para a palavra. Todas essas questões são observadas pela prosódia semântica, de acordo com Berber Sardinha (2004), porque são aspectos que interferem diretamente na conotação do termo.

Traduções que optam por não fazer a aglutinação de palavras, utilizando *Floresta Tenebrosa* (1985) ou *Floresta das Trevas* (1995), perdem um pouco do caráter poético e antigo do original, que remete a uma origem lendária. O nome do local, portanto, apesar de manter um caráter de um lugar obscuro, tem a característica de não criar algo exclusivo para a obra. *Trevaterra*/*Trevormata* (1976) e *Trevamata* (2019), entretanto, além de conseguirem manter a conotação obscura com a palavra *treva* (ou *trevor*) aglutinada no início — trazendo a mesma carga negativa da perversidade —, também

[12] As obras de Tolkien que compõem o universo da *Terra Média* são divididas em três períodos temporais distintos, chamados de eras.

mantêm a conotação de algo antigo e lendário, que era a intenção do autor ao utilizar o termo.

5.6 Conclusões desta seção

A análise qualitativa mostrou que a mudança nas escolhas de correspondentes tradutórios pode resultar em alterações significativas na conotação do texto. Somando essa análise com a análise quantitativa, que mostrou que há maior explicitação de algumas palavras em português, a mudança de carga pode ser ainda maior, porque a frequência mais abundante de uma palavra com determinada conotação vai dar ainda mais ênfase a ela. Traduções que utilizam correspondentes mais próximos e um número mais aproximado de entradas, então, ficariam mais contíguas ao texto original.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho teve como objeto de estudos o livro *The Hobbit*, de J. R. R. Tolkien. Com base nos números obtidos a partir do programa AntConc 3.5.8, foi observado que a escrita em português tende a explicitar mais alguns termos e a fazer menos referências indiretas, como é o caso da língua inglesa. Por isso, as traduções costumam apresentar uma maior quantidade de ocorrências das palavras estudadas. A tradução de 2019 é a que mais se aproxima em número de entradas do livro original, mas nem sempre apresentou a mesma quantidade de ocorrências.

O trabalho buscou mostrar que a diferença entre escolhas tradutórias para um mesmo termo pode acarretar mudanças na prosódia semântica e no modo como determinada personagem, raça ou local será interpretado pelo leitor na língua alvo. Com base nas análises quantitativa e qualitativa, foram mostradas as distinções de ocorrências entre as escolhas nas traduções de 1962, 1976, 1985, 1995 e 2019, comprovando que a tradução de 1995 é a que menos procura manter a variação linguística presente na obra original, enquanto a de 2019 é a que mais tem esse caráter de manutenção de variedade. A tradução de 1962, mesmo mudando bastante o vocabulário da obra, ainda manteve a distinção que havia entre alguns termos, como *salteador* e *ladrão*, que foram usados como correspondentes para *burglar* e *thief*, respectivamente.

Comparando as definições de alguns termos do objeto de análise no dicionário, foi observado ainda que não são sinônimos perfeitos, como proposto por Ullmann (1984 [1964]), e que possuem uma carga semântica diferente. A substituição de uma palavra por outra, então, culmina em conotações divergentes dentro da história. Portanto, escolher formas distintas para traduzir seria um bom caminho para manter a diversidade presente na obra original. Reinaldo José Lopes, em um artigo de 2012, criticava as posturas das traduções anteriores, que faziam com que a obra acabasse perdendo parte de suas características, portanto, já era esperando que a tradução que viria a realizar em 2019 buscasse manter a variação proposta pelo autor.

Ficou nítido, entretanto, que as mudanças dos correspondentes para os termos em português não ocorrem apenas por questões de escolhas tradutórias, mas também por conta de fatores externos, como as motivações da própria editora por manter ou não no livro os elementos pré e pós textuais. A análise quantitativa utilizando a terminologia

AntConc, portanto, não é suficiente para mostrar quais motivos estão por trás das diferenças obtidas com um levantamento estatístico. Todo o polissistema de quando as traduções foram feitas deveria ser observado para que as motivações ficassem mais nítidas, sendo o período histórico em que cada uma delas aconteceu um fator que deve ser definitivamente levado em consideração.

Diante da importância dos Estudos da Tradução e de Tolkien como autor dentro do polissistema literário, o presente trabalho contribui para a área por mostrar como traduções distintas podem acarretar mudanças de conotação e de prosódia no texto traduzido, além de mostrar como traduções distintas se inserem de forma diferente no polissistema do país de chegada.

Não foi possível que todos os tópicos concernentes à obra fossem abordados no presente trabalho, então ele pode servir de base para futuras pesquisas sobre o estilo do tradutor. O *corpus* escolhido para a pesquisa também pode ser expandido com as outras obras do autor que se passam no mesmo universo da Terra Média, o que tornaria a pesquisa um pouco mais completa.

Conclui-se que ainda há muito a se pesquisar sobre as obras de J. R. R. Tolkien seguindo a linha das Teorias da Tradução, principalmente com as novas traduções de suas obras para o português brasileiro sendo publicadas pela editora HarperCollins. E ainda é importante ressaltar que cada língua possui particularidades e, por isso, distinções nas traduções são esperadas, uma vez que a língua está em constante mudança. Também é válido ressaltar que cada tradução foi realizada em momentos e contextos particulares, por tradutores com experiências diferentes. De acordo com a teoria de Lefevere (2007 [1992]) de que a tradução é uma forma de reescrever o texto de acordo com a interpretação do tradutor, era esperado, então, que tradutores com históricos diferentes, trabalhando em contextos diferentes, teriam resultados distintos com seu trabalho.

REFERÊNCIAS

ANDERSON, Douglas A. e TOLKIEN, J. R. R., **O Hobbit Anotado**. HarperCollins. 2021.

BAKER, Mona. **The role of Corpora in Investigating the linguistic behavior of Professional translators**. *International Journal of Corpus Linguistics*. Vol 4(2), 1999. p. 281-298.

BERBER SARDINHA, T. ***Corpora* eletrônicos na pesquisa em tradução**. *Cadernos de Tradução* (UFSC), Florianópolis, Santa Catarina, v. 9, n. 1, p. 15-60, 2002.

_____, T. **Lingüística de *Corpus***. Barueri, SP. Editora Manoele. 2004.

_____, T. **Using keywords in text analysis: practical aspects**. In: *Directpapers*. V. 42. 1999a.

CARPENTER, Humphrey. **As Cartas de J. R. R. Tolkien**. Tradução de Gabriel Oliva Brum. Arte & Letra. 2010.

_____. **J. R. R. Tolkien, uma biografia**. HarperCollins Brasil. 2018.

EVEN-ZOHAR, Itamar. **A posição da literatura traduzida dentro do polissistema literário**. In: VENUTI, L. *The Translation Stidies Reader*. New York: Routledge, 2000 [1978]. p. 172-185. Traduzido por Leandro de Ávila Braga.

_____. **O sistema literário**. *Revista Translatio*. Tradução de Luís Fernando Marozo, Carlos Rizzon e Yanna Karlla Cunha. Revisão Linguística: Raquel Bello Vazques. Porto Alegre, v. 5, p. 2-21. 2013b. Disponível em: www.seer.ufrgs.br/translatio/issue/download/2211/23. Acesso em: 05 jan. 2022.

_____. **Teoria dos polissistemas**. *Revista Translatio*. Tradução de Luís Fernando Marozo, Carlos Rizzon e Yanna Karlla Cunha. Porto Alegre, v. 5, p. 2-21. 2013a. Disponível em: www.seer.ufrgs.br/translatio/issue/download/2211/23 . Acesso em: 05 jan. 2022.

LACERDA, Patrícia Fabiane Amaral da Cunha. **O papel do método misto na análise de processos de mudança em uma abordagem construcional: reflexões e propostas**. *Revista LinguíStica*. Rio de Janeiro. Volume especial, dez de 2016, p. 83-101.

LEFEVERE, A. **Tradução, Reescrita e Manipulação da Fama Literária**. Trad. Cláudia Matos Seligmann. Bauru: EDUSC, 2007 [1992].

LOPES, Reinaldo José. **Informações importantes sobre as novas traduções de Tolkien**. Portal Valinor. Outubro de 2018. Disponível em: https://www.valinor.com.br/51098

LOPES, Reinaldo José. **Variação dialetal, profundidade cultural e tradução em** *O senhor dos Anéis*. *Fragmentos*. Florianópolis. UFSC. 2012. p. 61-73.

MARTSCH, Nancy. **Tolkien in the New Century: Essays in Honor of Tom Shippey**. Jefferson, NC: McFarland. 2014.

MATHARU, Taran. **O Aprendiz**. Tradução de Edmo Suassuna. Galera Record. 2015.

TOLKIEN, J. R. R. **A Lenda de Sigurd & Gudrún**. Tradução de Ronald Kyrmse. Martins Fontes. 2010.

_____. **Guide to the Names in The Lord of the Rings**. In: LODBELL, Jared. **A Tolkien Compass**. Open Court Publishing Company. 2003.

_____. **O Gnomo**. Tradução de Maria Isabel Braga e Mário Braga. Livraria Civilização – Porto. 1962.

_____. **O Hobbit**. Tradução de Lenita Maria Rímoli Esteves e Almiro Pisetta. Martins Fontes. 1995.

_____. _____. Tradução de Reinaldo José Lopes. HarperCollins. 2019.

_____. _____. Tradução de Fernanda Pinto Rodrigues. Publicações Europa-América. 1985.

_____. _____. Tradução de Luiz Alberto Monjardim. Artenova. 1976.

_____. **The Hobbit**. George Allen & Unwin. 1937.

ULLMANN, S. **Semântica: uma introdução à ciência do significado**. Tradução de J. A. Osório Mateus. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1984.

VENUTI, Lawrence. **A formação de identidades culturais**. In: VENUTI, Lawrence. *Escândalos da tradução*. Trad. Laureano Pelegrin et al.. Bauru: EDUSC, 2002. p. 129-167.

WHITE, Michael. **J.R.R. Tolkien – o senhor da fantasia**. Tradução de Bruno Dorigatti. Darkside. 2004.